



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

LÍVIA FARIA VILHENA

**AS MULHERES NO PROJETO “CONVIVER - VALORIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO
DE PESSOAS PARA O TURISMO VIVO”**

**OURO PRETO
2020**

LÍVIA FARIA VILHENA

**AS MULHERES NO PROJETO “CONVIVER - VALORIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO
DE PESSOAS PARA O TURISMO VIVO”**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves

Co-orientador: Esp. Eberte Moura Bretas

OURO PRETO

2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

V711m Vilhena, Livia Faria .

As mulheres no projeto "CONVIVER - valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo". [manuscrito] / Livia Faria Vilhena. - 2020. 70 f.: il.: , gráf., tab.. + Apêndice.

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves.

Coorientador: Esp. Eberte Moura Bretas.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Turismo. 2. Extensão Universitária. 3. Projetos de desenvolvimento social - Projeto Conviver. 4. Integração social. I. Alves, Kerley dos Santos. II. Bretas, Eberte Moura. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB:1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lívia Faria Vilhena

As mulheres no projeto “CONVIVER: valorização e capacitação de pessoas para o Turismo vivo”

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 22 de outubro de 2020.

Membros da banca

Profª Dra. Kerley dos Santos Alves - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Esp. Eberte Moura Bretas - (Prefeitura Municipal de Ouro Preto)
Profª Dra. Isabela Barbosa Frederico - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Leandro Beneditini Brusadin - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Kerley dos Santos Alves, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/12/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Kerley dos Santos Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/12/2020, às 09:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0111418** e o código CRC **14759131**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.009386/2020-64

SEI nº 0111418

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: 3135591447 - www.ufop.br

Dedico esse trabalho à minha mãe Eli e às minhas irmãs Laís e Lara.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esse ciclo percebo o quão a Universidade pública é fundamental para formação acadêmica e humana. Obrigada UFOP por essa transformação e Ouro Preto por toda vivência.

Dedico agradecimento especial à minha mãe, por ser a mulher mais forte que eu conheço e ao meu pai por todo apoio e amor. À minha gêmea Laís por ser fonte recarregável das minhas energias e irmã Lara por me guiar pelas vertentes feministas, contribuindo brilhantemente com este trabalho, você é meu exemplo! Aos meus melhores amigos, Thais, Luciano e Gabriel, juntos do início para sempre! O curso de Turismo só fez sentido porque eu tinha vocês, obrigada por todos esses anos de cumplicidade! À minha amada República Cantinho do Céu, por todo amor e apoio todos esses anos, os melhores da minha vida, em especial à minha irmã de alma Katty.

Assim, agradeço a Proex por todo aprendizado, ao Detur, técnicos e professores, em especial, Leandro Brusadin, Carol Lescura, Raíssa Keller, Marcos Knupp, Isabela Frederico, pelo ensino de qualidade e por mostrar diariamente o quão nossa profissão é importante e necessária, guardarei cada um em meu coração.

Com muito carinho, sou grata a Prof^a. Kerley que foi um presente na minha caminhada, como professora, orientadora e amiga, a qual executa trabalho admirável frente as mulheres, a comunidade e as alunas do curso de Turismo. Obrigada pela paciência e ajuda sem medir esforços, mantendo-se sempre firme e forte ao mostrar o valor da nossa profissão e ações. Guardarei seus ensinamentos por toda a vida, minha eterna gratidão!

Ao meu co-orientador Eberte, obrigada pela amizade, trocas e ensinamentos durante esses anos e também sob orientação deste trabalho, sua visão e conhecimento foram fundamentais.

E por fim, agradeço ao Projeto Conviver, espaço de inúmeras contribuições na minha formação. Sinto privilegiada por ter tido a oportunidade de fazer parte e aprender com cada pessoa que passou pelo meu caminho.

Conviver é uma linda arte

Olhos voltado pra alma

Nos faz sentir o outro

Vivenciar momentos de alegria

Iluminando o coração com compartilhar

Vislumbrando um novo caminho

Em momentos que aprendemos a valorizar o que há a nossa volta

Reviver

- Ana Cristina Ponciano Gomes

RESUMO

Ao acreditar nas vertentes feministas, na extensão universitária e no conhecimento vasto do campo do Turismo como ferramentas de mudança, a problemática desta pesquisa surgiu após participação da presente autora no projeto de extensão “Conviver - valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo” em que percebeu, ao participar das atividades, que as mulheres eram maioria e por algum motivo estavam fora do mercado de trabalho em Ouro Preto, Minas Gerais. Por tal razão, este trabalho tem como objetivo geral investigar nesse projeto de extensão como as mulheres participantes vivem no espaço doméstico e como as ações realizadas podem trazer uma outra maneira dela, como mulher, apropriar-se da cidade. Os objetivos específicos foram compreender a relação entre historicidade e gênero, entender a posição das mulheres no mercado de trabalho e no campo do Turismo e a extensão universitária como possibilidade de inserção e transformação dessas mulheres. Para alcançar o propósito da pesquisa utilizou-se da metodologia qualitativa de caráter descritivo, com pesquisa bibliográfica, coleta de dados a partir de documentos da base de dados do projeto e por fim, realização de entrevista semiestruturada com um membro da coordenação e duas participantes. As análises mostram a estruturação de poderes da nossa sociedade destacando o patriarcalismo como sistema dominante da vida da mulher o que a coloca como responsável pelos afazeres domésticos e reprodução. Os pontos principais encontrados são que as mulheres participantes possuem profissão e buscam no projeto valorização pessoal, além da apropriação de novos espaços (turístico, universitário, tecnológico) para além do doméstico. A questão principal é o entendimento de que o projeto atua no desenvolvimento de habilidades e inclusão no simbólico para que assim elas se apropriem da própria vida e produzam movimentos próprios.

Palavras-chave: Gênero; Turismo; Extensão Universitária; Projeto Conviver; Inclusão.

ABSTRACT

By believing in feminist aspects, in university extension and in the vast knowledge of the field of Tourism as tools for change, the problem of this research arose after the participation of this author in the extension project "Conviver - valuing and training people for live tourism" in who realized, when participating in the activities, that women were the majority and for some reason were out of the job market in Ouro Preto, Minas Gerais. For this reason, this work has the general objective of investigating in this extension project how the participating women live in the domestic space and how the actions carried out can bring another way for them, as a woman, to appropriate the city. The specific objectives were to understand the relationship between historicity and gender, to understand the position of women in the labor market and in the field of Tourism and university extension as a possibility of insertion and transformation of these women. To achieve the purpose of the research, a qualitative methodology of a descriptive character was used, with bibliographic research, data collection from documents in the project database and finally, a semi-structured interview with a member of the coordination and two participants. The analyzes show the structuring of powers in our society, highlighting patriarchy as the dominant system of women's life, which places them as responsible for domestic chores and reproduction. The main points found are that the participating women have a profession and seek personal valorization in the project, in addition to the appropriation of new spaces (tourist, university, technological) besides the domestic one. The main issue is the understanding that the project acts in the development of skills and inclusion in the symbolic so that they can appropriate their own lives and produce their own movements.

Key words: Gender; Tourism; Extension University; "Conviver" Project; Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Oficina Artesanato em papelão.....	40
Figura 2 – Oficina de Fotografia no campus Morro do Cruzeiro, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).....	41
Figura 3 – Visita técnica a cidade de Brumadinho – MG e ao Instituto Inhotim.....	41
Figura 4 – Encontro de Abertura da primeira etapa do Projeto Conviver 2020.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População Economicamente Ativa (PEA) feminina como percentagem da População Total, Brasil: 1950-2010	28
Gráfico 2 – Decomposição e Projeção da Taxa de Participação do Brasil Utilizando o Modelo Idade-Período-Coorte (1992-2030).....	29
Gráfico 3 – Distribuição percentual (%) da população de 25 a 49 anos de idade ocupada na semana de referência, por agrupamentos ocupacionais do trabalho principal, segundo o sexo - Brasil - 4º trimestre – 2018	30
Infográfico 4 – oito indicadores medem as diferenças jurídicas entre homens e mulheres à medida que passam por diferentes fases da vida profissional.....	31
Gráfico 5 – Forma de participação.....	50
Gráfico 6 – Avaliação.....	52
Gráfico 7 – Cor/raça.....	52
Gráfico 8 – Atividade Remunerada.....	53
Gráfico 9 – Atividade Doméstica.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACTs	Atividades Características do Turismo
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DETUR	Departamento de Turismo da UFOP
EDTM	Escola de Direito, Turismo e Museologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Aplicada
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
MTUR	Ministério do Turismo
OMS	Organização Mundial da Saúde
OMT	Organização Mundial do Turismo
PEA	População Economicamente Ativa
PMOP	Prefeitura Municipal de Ouro Preto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROEX	Pró-reitoria de Extensão
SDSHC	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Cidadania
SIMT	Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho no Setor Turismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. GÊNERO E HISTORICIDADE	18
1.1 Estruturação da sociedade à luz do sistema patriarcal.....	18
1.2 Gênero e trabalho.....	26
1.3 Trabalho e gênero no Turismo	31
2. MULHERES NO PROJETO CONVIVER: VISÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO SIMBÓLICA E SOCIAL.....	33
2.1 Metodologia utilizada na pesquisa.....	33
2.2 A extensão universitária: contextualização do projeto.....	36
2.3 Participantes: breve caracterização.....	48
3. RELATOS E VISÕES: PARTICIPANTES E COORDENADOR.....	53
3.1 Estruturas de poder: lugares ocupados pelas mulheres do projeto.....	54
3.2 Atuação do projeto: valorização de pessoas.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	66
APÊNDICES.....	67
ANEXOS.....	72

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da minha experiência na extensão universitária que possibilitou o amadurecimento e olhar para entender as possibilidades de atuação social do conhecimento do campo do turismo, essencialmente durante a graduação, pautado no dever da Universidade perante a comunidade em que está inserida. Turismo este, de cunho comunitário e social, pautado nas pessoas e construído junto a elas, no que diz respeito essencialmente à capacitação para desenvolvimento de habilidades individuais. Unindo ao interesse pelo estudo das questões de gênero.

Esta é a razão pela qual, as mulheres do projeto “Conviver - valorização e capacitação para o turismo vivo” são objeto de estudo deste trabalho. Projeto fruto do curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (DETUR/UFOP), através da Pró-reitoria de Extensão (PROEX/UFOP). Realiza-se em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Cidadania pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto (PMOP), com apoio e viabilização das ações.

Conta com uma equipe multidisciplinar composta pela professora idealizadora, alunos voluntários, bolsistas e colaboradores externos. Aquela que contribui brilhantemente e com trabalho persistente, no planejamento, estudo, pesquisa, de temáticas e metodologias à fim de promover o conhecimento por meio do respeito, da troca e cuidado.

O projeto possui como foco pessoas em vulnerabilidade social na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais e que são encontradas nos Centro de Referência a Assistência Social (CRAS) e por muitas vezes o contato é expandido para familiares e amigos que se interessam pela capacitação.

As atividades são realizadas semanalmente, através de oficinas, atividades lúdicas, aulas, visitas técnicas promovendo dinamicidade e espaço interação. O objetivo geral das ações é de sensibilizar e capacitar para a atividade turística e cultural, com vistas à geração de renda, por meio da interdisciplinaridade entre economia criativa, empreendedorismo, direitos humanos e participação popular, economia solidária e desenvolvimento local.

A minha trajetória no projeto iniciou como bolsista no ano de 2017 até 2018 atuando no planejamento, organização e apoio as atividades, o qual oportunizou espaço de aprendizado e contato com pessoas da comunidade Ouro Pretana e com o Turismo feito pelas pessoas e para as pessoas. Uma vez que continuei como

voluntária, colaborando com demandas específicas e apoio a coordenação até no ano da pesquisa que assumi posição como observadora.

Nesse processo de maturação durante as atividades foi possível perceber que o público majoritário se faz por mulheres que por algum motivo têm disponibilidade para frequentar as oficinas e estão fora do mercado de trabalho. Nesse viés, o objetivo geral caracteriza-se por investigar nesse projeto de extensão como as mulheres participantes vivem no espaço doméstico e como as ações realizadas podem trazer uma outra maneira dela, como mulher, apropriar-se da cidade. Os objetivos específicos foram compreender a relação entre historicidade e gênero, entender a posição das mulheres no mercado de trabalho e no campo do Turismo e a extensão universitária como possibilidade de inserção e transformação dessas mulheres.

Para a obtenção dos resultados acerca da temática abordada, utilizei da metodologia qualitativa que é caracterizada pelo cuidado com a fala dos protagonistas da pesquisa, assumindo o caráter descritivo da análise. Em primeiro momento, amparei-me através pesquisa bibliográfica para fundamentação dos objetivos do trabalho, assim, utilizando da coleta de dados como relatório de atividades, documentos de planejamento e arquivos com relatos dos participantes, a partir da base de dados do projeto Conviver. Logo, para identificar quem são as pessoas participantes do projeto, construí o perfil através de um questionário organizado no *GoogleForms*. Por fim, apesar de o projeto ter participantes do sexo feminino e masculino, decidi juntamente com minha orientadora por realizar entrevistas com duas mulheres que estão a mais tempo no projeto e se destacaram no processo de desenvolvimento, e com um membro da coordenação, que participa ativamente e se dedica ao projeto, contribuindo significativamente com o conhecimento do campo da Psicologia.

O primeiro capítulo tratará de uma breve composição histórica do papel da mulher na sociedade, a partir de autoras que identificam o seio dessa condição, a estruturação de poderes e a condição submetida pelo poder masculino que reflete na sociedade atual, visto que, indica uma lógica capitalista. Além de dados acerca da posição da mulher no mercado de trabalho e os cargos no campo de turismo de acordo com o gênero, uma vez que, alicerça a teoria feminista. Assim, mostra um estudo que identifica que a participação igualitária de homens e mulheres promove chance para a economia atingir seu potencial. Por tal razão, produz reflexão além da

inclusão no meio produtivo, que se faz ao começar pela inclusão no simbólico discutido na próxima sessão.

Dessa forma, o segundo capítulo apresentará a metodologia para a realização da pesquisa juntamente com a construção e análise do perfil dos participantes. Esse módulo discute o real conceito de extensão praticado através da troca de saberes e comunicação presente nas ações. Logo, tem como enfoque o projeto em si, sua potencialidade, trajetória, atividades, metodologia, equipe coordenadora e a nova versão de 2020, reformulada a fim de manter os objetivos das ações em que exigiu empenho e trabalho duro da equipe coordenadora frente às tecnologias, em um contexto de pandemia pelo novo corona vírus, o qual, ocasionou o isolamento social impossibilitando as atividades presenciais.

Por fim, o terceiro capítulo abordará os relatos e visões das entrevistadas e do entrevistado, dividido em tópicos, com análise advinda da estruturação de poder e o lugar ocupado pelas mulheres do projeto, bem como, a atuação do projeto pela valorização das pessoas.

As análises mostram a estruturação de poderes da nossa sociedade destacando o patriarcalismo como sistema dominante da vida da mulher o que a coloca como responsável pelos afazeres domésticos e reprodução. Os pontos principais encontrados são que as mulheres participantes possuem profissão e buscam no projeto valorização pessoal, além da apropriação de novos espaços (turístico, universitário, tecnológico) para além do doméstico. A questão principal é o entendimento que o projeto atua no desenvolvimento de habilidades e inclusão no simbólico para que assim elas se apropriem da própria vida e produzam movimentos próprios.

1. GÊNERO E HISTORICIDADE

Neste capítulo a discussão se faz a partir de uma breve composição histórica, com aspectos sobre a posição da mulher na sociedade baseados na premissa do contexto da sociedade patriarcal, questões de gênero, estrutura das relações de poder, interseccionalidade e consubstancialidade de gênero e a questão da educação como domínio do conhecimento. Destaca-se a problemática imposta pela estruturação da sociedade que pode vir a ser razão que reflete a desigualdade de gênero no mercado de trabalho até os dias de hoje. Logo, finaliza com enfoque no mercado de trabalho através de base de dados como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), População Economicamente Ativa (PEA), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e estudos como, *Woman, Business and the Law* e *Global Report on Woman in Tourism*, os quais são possíveis entender os espaços que as mulheres operam, a inclusão e exclusão.

1. 1 Estruturação da sociedade à luz do sistema patriarcal

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica, elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades (TILLY, 1994, p. 31). Nessa estrutura, estudar a questão de gênero e a relação da mulher com o espaço necessita de uma composição histórica.

O movimento contrário à subordinação do poder masculino floresceu de acordo com a luta das mulheres e autoras feministas comprovam a gênese do movimento feminista. Fatos, que perante movimentos de opressão para que sua ascensão fosse destruída, em detrimento da nova ordem econômica vigente, situada no período do surgimento do Capitalismo, ocasionaram a estruturação da nossa sociedade atual.

Essa relação se faz ponto de análise para entender a gênese feminina na qual o trabalho e imposição deste é ponto primordial para entender a composição que reflete na dinâmica contemporânea. À vista disso, Simone de Beauvoir (2002, p. 217) diz que “as mulheres não tinham história, não podendo, conseqüentemente, orgulharem-se de si próprias”, integrando assim, a fala de que “uma mulher não nascia

mulher, mas tornava-se mulher”. Para que isto acontecesse ela deveria submeter-se ao complexo processo no seio de uma construção histórica cujo espírito determinaria seu papel social.

Partindo do pressuposto colocado, Scott (1995) relata sobre o impasse de os historiadores reconhecerem a participação das mulheres nas mudanças políticas da civilização ocidental na qual produz entraves no campo da ciência, relacionado ao fato de reconhecer ou não a participação feminina e sua importância. Nesse viés indaga que houve um parecer de historiadores não feministas, de ambos os sexos, de reconhecer a história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado. “As mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica” (SCOTT, 1995, p. 5).

Essa dominação do que é julgado importante ou não, sob o critério do masculino, mostra dentro da ciência a desigualdade de teor da produção do saber. Dizer que as mulheres não tinham história instiga a busca de respostas para que elas ganhem visibilidade. “Não é exagerado dizer que por mais hesitante que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história” (SCOTT, 1995, p. 4).

Silvia Federici (2017) historiadora, escritora e feminista, compõe a construção histórica do papel da mulher para a construção do Capitalismo, tendo em vista em uns dos pontos principais de seu estudo, a função da mulher ser caracterizada pelo trabalho que produz a força de trabalho.

Apesar das diferenças, em ambos os casos o corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres (FEDERICI, 2004, p. 178).

A reflexão traz a questão da objetificação do corpo da mulher em prol de um domínio, fato que sobrepõe o individual, emprega uma relação de poder. Scott (1995, p. 10) complementa trazendo a questão do patriarcado como essência do condicionamento comportamental, em que a desigualdade de gênero não é vista como as outras desigualdades e nem justificada, o que invisibiliza essa estrutura. E por conseguinte, traz que a dominação venha na forma da apropriação masculina do

labor reprodutivo da mulher, ou que ela venha pela reificação sexual das mulheres pelos homens, a análise baseia-se na diferença física.

Por intermédio disso, salientar as composições ocultas da história da humanidade transgride um imaginário social que compõe o pensamento do indivíduo em relação ao gênero e divisão de trabalho sexista. Lisboa (2010, p. 70) analisa sob a perspectiva de gênero que propõe lançar um novo olhar sobre a realidade a partir das mulheres e com as mulheres revolucionando a ordem dos poderes, visão que centra-se no reconhecimento da diversidade de gênero que implica na reconstrução de uma humanidade diversa e democrática.

Assim, gênero no âmbito do estudo é uma categoria de análise que se permite entender como as pessoas são colocadas em certos espaços na sociedade onde homens e mulheres são assim modelados, isso se faz em falar nas relações de poder. Joan Scott (1995) analisa as adaptações e simbologias que a palavra gênero obteve ao passar do tempo. “Os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história” (SCOTT, 1995, p. 2).

Scott (1995) afirma ainda que “gênero” é sinônimo de “mulheres”. O uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. “O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política – (pretensamente escandalosa) – do feminismo” (SCOTT, 1995, p. 6).

O que se faz importante ressaltar essa qualificação à modo de entender a que o uso se refere. “As feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 2). Adichie (2015) faz referência ao feminismo como movimento específico em detrimento do que engloba os direitos humanos.

O feminismo faz, obviamente parte dos direitos humanos de uma forma gera- mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo do século. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo mulheres. Que o problema não é ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para

esse problema esteja no reconhecimento desse fato (ADICHIE, 2015, p. 42).

Essa hierarquização, do opressor versus oprimido, faz da sociedade desigual, em âmbito que segrega a cultura de um povo. Por esse aspecto, Adichie (2015) arrebate que “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (ADICHIE, 2015, p. 48).

Neste processo, as relações de gênero são permeadas por uma diversidade que envolve as relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e mulheres e homens e homens, de modo que “o tornar-se mulher e tornar-se homem constitui obra das relações de gênero” (SAFFIOTI, 1992, p. 18). Ao entrelaçar as ideias chave Silvia (2017) traz a afirmação:

O modo como a história das mulheres se entrecruza com a história do desenvolvimento capitalista não pode ser compreendida se nos preocuparmos apenas com os terrenos clássicos da luta de classes — serviços laborais (labor services), índices salariais, rendas e dízimos — e ignorarmos as novas visões da vida social e da transformação das relações de gênero que tais conflitos produziram (FEDERICI, 2017, p. 44).

Silvia Federici (2017) estuda historicidade sob a óptica escondida das mulheres, sua importante posição na luta contra o poder feudal e o motivo pelo qual seu poder deveria ser destruído em prol da nova ordem econômica em transição, do sistema feudal ao sistema Capitalista. Nessa perspectiva discorre sobre a análise de como se transforma o processo de reprodução social com o capitalismo, sobretudo uma desconstrução sobre esse sistema econômico de fato.

Dentro dessa perspectiva, sob o estudo de Federici, o Capitalismo nasce como sistema de opressão, caracterizado como uma contrarrevolução - ao sistema feudal, à vista disso, eliminando o sentido de progresso. “A luta contra o poder feudal produziu também as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens” (FEDERICI, 2017, p. 45).

Por via deste, a autora analisa o termo “transição” para o Capitalismo, que oculta o período mais sangrento e descontínuo da história mundial, e não só desenvolvimento histórico gradual, todavia, usa o termo no sentido temporal para análise da acumulação primitiva de Marx. Marx assim, construiu a análise com “o

ponto de vista do proletariado industrial assalariado: o protagonista, sob sua perspectiva, do processo revolucionário do seu tempo e a base para uma sociedade comunista futura” (FEDERICI, 2017, p. 118).

Fato é, que com o nascimento da nova ordem econômica abre-se uma divisão, que é a divisão sexual do trabalho, entre a produção e a reprodução. Uma divisão entre a produção para o mercado, em que se converte em trabalho assalariado. Isso sobretudo para os homens e a reprodução da vida e da força de trabalho, que é o trabalho não assalariado, desvalorizado e naturalizado. E são cada vez mais as mulheres concentradas nesse trabalho. Daniele Kergoat (2000) aponta a prática que caracteriza essa divisão fruto da construção social, o que oportuniza estudar seus deslocamentos e rupturas ao considerar que a condição não é imutável. Logo, reforça que ultrapassa o entendimento da desigualdade, refletir sobre como a sociedade evoca essa diferenciação para hierarquizar essas atividades.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc) (KERGOAT, 2000, p. 67).

Esse fato destaca a lógica capitalista, Saffioti (2004, p. 58) alega que o sistema patriarcal tornou as mulheres “objetos de satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e novas reprodutoras” sendo uma das vertentes que traz a origem da natureza desse sistema.

De acordo com o estudo de Federici (2017) com a transição para o capitalismo, há uma desvalorização sistemática do trabalho das mulheres e começa também um processo de apropriação do Estado pelo corpo da mulher que se converte em uma máquina de produção de trabalhadores. Ocorre a instituição de um tipo de família, e de relação entre homens e mulheres que subordinam as mulheres ao poder dos homens, que as fazem dependentes.

Ponto chave de sua pesquisa tem como foco a caça às bruxas nos séculos XVI e XVII na Europa, e que depois foi exportada pelos conquistadores ao dito “Novo Mundo” no qual o Brasil está incluso. Mulheres são subordinadas ao trabalho doméstico, obrigadas a fazê-lo e vivê-lo.

Federici (2017) chega à conclusão que a caça às bruxas é o momento

fundamental de apoio à construção de um novo papel social da mulher, de um novo papel em uma nova organização social do trabalho. E serviu também para a criação de uma nova imagem da feminilidade, uma imagem desvalorizada. Um tipo de mulher que serviu para criar uma disciplina social em que a mulher deve ser obediente, casta, submissa aos homens, inserida na lógica do capital. “O que ainda não foi reconhecido é que a caça às bruxas consistiu em um dos acontecimentos mais importantes do desenvolvimento da sociedade capitalista e da formação do proletariado moderno” (FEDERICI, 2017, p. 294).

A fim de apoiar nessa estrutura, Federici (2017) arrebatada que com a desvalorização da mulher, iniciou-se a necessidade de criar hierarquias. O capitalismo não precisa somente expropriar a terra, criar uma população que não tem nada e que assim pode ser explorada, mas que precisa também criar hierarquias, de raça e gênero, é uma característica estrutural, o qual precisa do racismo e do sexismo. Por conseguinte, criar população de pessoas sem direitos, porque com estas hierarquias não somente mantém seu poder e divide os subordinados, como também reduz o custo de produzir uma classe trabalhadora e assim, reduz o custo porque aqueles que estão no fundo como as mulheres e os escravos que continuam hoje, eles permitem uma produção a baixo custo.

A autora aponta uma questão que envolve a interseccionalidade de gênero no que diz respeito a uma diversidade de formas de opressão baseado em uma realidade plural e no acúmulo de características em detrimento da raça e classe. Visto que, Carneiro (2003, p. 119) reflete sobre as especificidades do ser mulher.

Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso

Carneiro (2003) traz análise acerca de que o movimento feminista detinha uma insuficiência teórica em deixar as diferentes expressões do feminino construídas em sociedades multirraciais e pluriculturais, fato é que após reconhecimento deu enfoque às desigualdades de gênero e intragênero. Porém, perpetuou durante um longo período a visão eurocêntrica e universalizante das mulheres no que reproduziu a condição de invisibilização das diferenças e desigualdades aquelas além do sexismo.

Agora, Hirata (2014) reflete a respeito da indissociabilidade das relações de sexo, raça e classe, a modo que, analisa o princípio do uso do termo

interseccionalidade usado para indicar a interdependência das relações de poder pela concepção inicial da autora Kimberlé W. Crenshaw, que foca na intersecção entre sexo e raça. Dado a proposta das múltiplas fontes de identidade em que classe fica um pouco de lado, apenas como uma vertente de entrecruzamento, logo, as categorias são fruto de um sistema de opressão.

Já a autora Kergoat (2014) contrapõe criticamente remetendo a criação de outro termo, o da consubstancialidade, cujo enfoque entre sexo e classe que se reproduzem mutuamente.

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70 *apud* HIRATA, 2014, p. 62).

Então, Kergoat (2010) traz a concepção de relação social que constitui grupos de interesses antagônicos, ao dizer, do grupo social homens e grupo social mulheres, que ultrapassam as relações econômicas sendo dialéticas e contraditórias.

Mas o fato de as relações sociais formarem um sistema não exclui a existência de contradições entre elas: não há uma relação circular; a metáfora da espiral serve para dar conta do fato de que a realidade não se fecha em si mesma. Portanto, não se trata de fazer um tour de todas as relações sociais envolvidas, uma a uma, mas de enxergar os entrecruzamentos e as interpenetrações que formam um “nó” no seio de uma individualidade ou um grupo (KERGOAT, 2010, p. 102).

Tudo isso se refere que as relações são indissociáveis, devem ser analisadas em conjunto já que o conceito ligado ao materialismo compõe que gênero, raça e classe advém de um domínio de exploração, dominação e opressão, são inseparáveis e consubstanciais.

Para finalizar essa discussão faz-se necessário trazer a questão do domínio sob a perspectiva da educação. De acordo com o trabalho de Rodrigues (2007), a autora compila dados que relaciona a perspectiva da educação como método de detenção do conhecimento por parte do poder masculino, aquele que detém a condição de dono do saber a fim de subordinar as mulheres ao espaço doméstico, sob concepção de mulher como ser incompleto na qual essa restrição facilitaria a

imposição da supremacia masculina.

Rodrigues (2007, p. 4) destaca filósofos cujo pensamento produzido a partir do século XVII, detinha o discurso em função da feminilidade como fator de inferioridade e incapacidade, em suma, Rousseau concebia a ideia que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico e a mulher deveria ser responsável por ser guardiã dos costumes, Kant trazia a premissa da mulher e seu viver para o homem, não a reconhecendo enquanto sujeito atuante da história, em razão disso, traz a relação da incapacidade de raciocinar como o homem. E Nietzsche, considera a mulher como “ser” fracassado que busca elevar-se alterando seus padrões próprios de conduta na sociedade.

Assim, Rodrigues (2007) destaca que em espaços públicos algumas mulheres se aproximaram de poetas, escritores e palestrantes firmando-se no terreno intelectual. Ao passo que, “a tentar, talvez, isentar-se da responsabilidade de ter sido autora da desigualdade social e política, na sociedade, implantou-se uma visão cultural de que a mulher é inferior ao homem e não pela educação que lhe foi negada” (RODRIGUES, 2007, p. 4).

A mulher sempre foi considerada como o outro pelo homem e não como o semelhante. E somente quando homens e mulheres vejam-se como seres incompletos, que necessitam de apoio mútuo para desenvolver sua condição humana é que teremos uma sociedade melhor. Que a perspectiva de se pensar em um novo paradigma para a compreensão do mundo onde as reivindicações de igualdade na diferença tão difundida pelo movimento feminista, passe a constituir-se como algo realmente importante, onde homens e mulheres consigam superar as situações comuns de opressão e se identifiquem cada vez mais como seres humanos (RODRIGUES, 2007, p. 7).

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. “A sociedade determina com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 8). E com essa questão, entendendo as relações de poder entre homens e mulheres, as quais têm raízes na divisão hierárquica, no próximo passo analisaremos através de dados a posição de gênero no mercado de trabalho.

1.2 Gênero e trabalho

O longo caminho percorrido pelas mulheres em direção ao direito efetivo de trabalhar, quando conquistado, culminou uma mudança de paradigma do Direito do Trabalho tendo como marco a Constituição do Brasil (1988) assim alertado por Lopes (2006, p. 410), no qual, anteriormente o ordenamento jurídico brasileiro detinha de normas “protetivas” revestido de um carácter dito benigno, ao se ordenar diretrizes para execução desse trabalho. Logo, a autora afirma, o interesse por trás dessa face de proteção comprova as ações direcionadas a recordar que o lugar da mulher na sociedade é em casa cuidando da família, e também, ao dispor do direito ao trabalho às mulheres, o valor salarial poderia prejudicar o ganho do homem. “Essa “inversão social” punha em risco a organização hierárquica da família e, conseqüentemente, a autoridade do marido”.

A Constituição de 1988 adaptou as regras jurídicas e assim, “o direito do trabalho, em relação à mulher, deixou de ser *protetor* e passou a ser *promocional*” (LOPES, 2006, p. 426), ao reconhecer ser desnecessária a face protetiva perante o Estado. Em suma, de acordo com a autora, o Direito transforma e mantém estruturas sociais, e assim no decorrer das ordens, resulta a diferença salarial entre homens e mulheres.

Em razão da condição estruturante, “ainda que as mulheres tenham tanto para oferecer no trabalho como os homens, geralmente elas são impossibilitadas de desempenhar um papel ativo no mercado de trabalho porque elas enfrentam muitos obstáculos dentro e fora do domicílio” (KAKWANI; SON, 2006, p. 2). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018 o valor médio da hora trabalhada era de R\$13,0 para as mulheres e de R\$14,2 para os homens, indicando que o valor do rendimento da mulher representava 91,5% daquele recebido pelos homens.

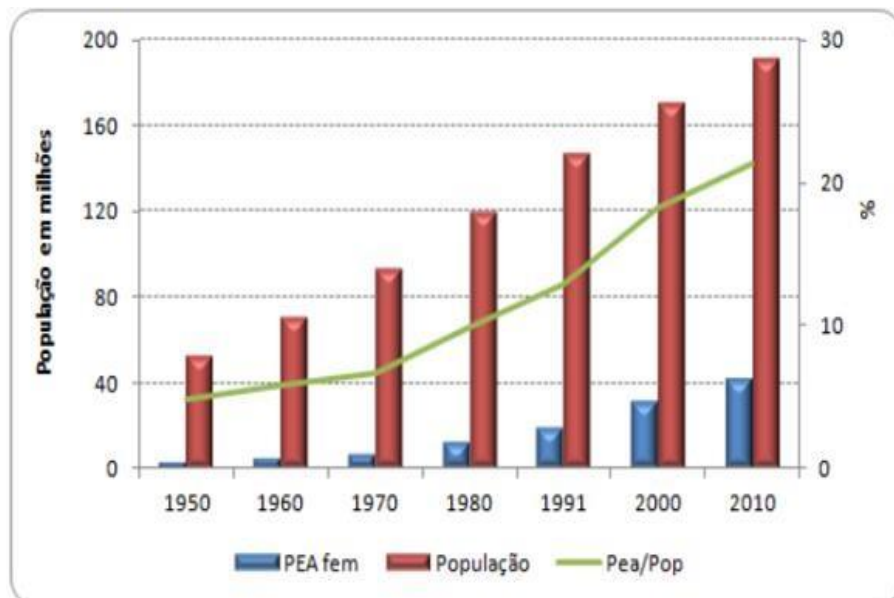
Bruschini (1994, p. 181) alega a ocultação da contribuição feminina em pesquisas e metodologias que medem o trabalho, além de o papel de dona de casa exercido pelas mulheres na idade adulta ser considerado como inatividade econômica, assim, somando fatores econômicos perante a posição ocupada na unidade familiar.

A disponibilidade dos indivíduos do sexo feminino para o trabalho depende de uma complexa combinação de características pessoais, como a idade e a escolaridade, de

outras relacionadas a família, como o estado civil e a presença de filhos, como ainda de características da própria família, como o ciclo de vida e a estrutura familiar (BRUSCHINI, 1994, p. 182).

A base de cálculo da População Economicamente Ativa (PEA) indica o fenômeno citado, esta, não inclui a contagem de dados de donas de casa, estudantes, aposentados e prisioneiros¹. O IBGE² indica que para elaborar os metadados leva-se em conta a população ocupada e a população desocupada, a qual, a primeira envolve aquelas pessoas que, em um determinado período de referência, trabalharam ou tinham trabalho mas não trabalharam (por exemplo, pessoas em férias), e a segunda aquelas pessoas que não tinham trabalho, em um determinado período de referência, mas estavam dispostas a trabalhar, e que, para isso, tomaram alguma providência efetiva nos últimos 30 dias (consultando pessoas, jornais, etc). Dessa forma, o gráfico abaixo traz a percentagem das mulheres que se encaixam no perfil.

Gráfico 1 - População Economicamente Ativa (PEA) feminina como percentagem da População Total, Brasil: 1950-2010



Fonte: IBGE, censos demográficos de 1950 a 2010.

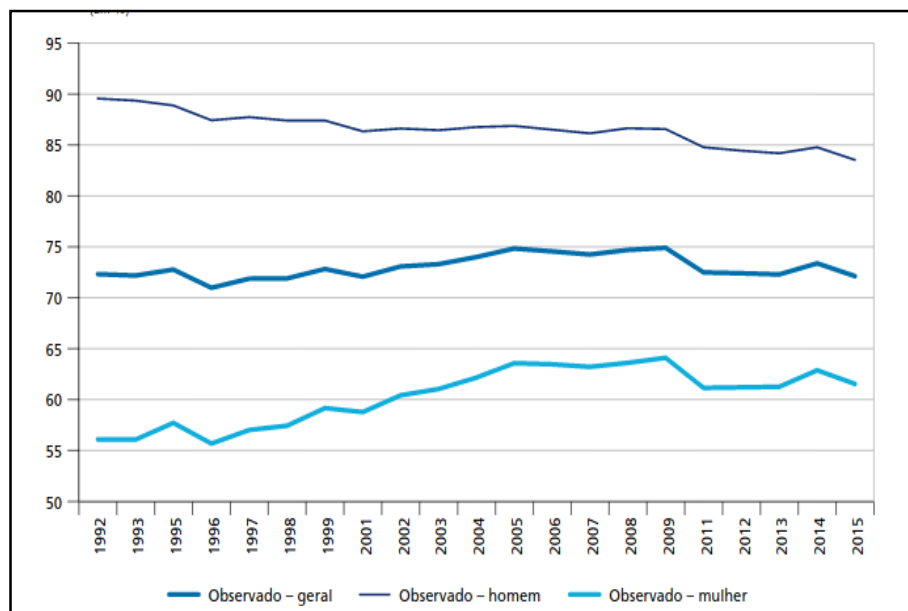
Foguel e Russo (2019, p. 1), pesquisadores do Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), compilam dados utilizando o modelo idade-período-coorte, na

¹<https://www.mql5.com/pt/economic-calendar/united-states/labor-force-participation-rate>

²<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=128,-1,1,2,-2,-3&ind=4726>

qual buscam entender algumas das razões que afetam a taxa de participação com projeções futuras, logo, afirmam que a “taxa de participação é um dos indicadores econômicos mais importantes de um país”. Assim, desde o ano início do estudo há preponderantemente uma crescente participação feminina no mercado de trabalho que em 2015 foi de 61,6% e pode chegar a 64,3% em 2030, sendo categoria de destaque, e para os homens há uma tendência de queda ocasionada pelo fator idade já que o estudo engloba a população economicamente ativa de 17 a 70 anos.

Gráfico 2 - Taxa de participação: geral, homens e mulheres, a cima de 17 anos de idade.



Fonte: PNAD/IBGE, Elaboração dos autores 2019.

De modo geral, explicitam que há fatores de pesquisa que envolvem essa condição, ligado “a transformações demográficas, os diferentes padrões de participação entre as faixas etárias, assim como as proclividades a participar do mercado de trabalho entre as coortes de nascimento” (FOGUEL; RUSSO, 2019, p. 3).

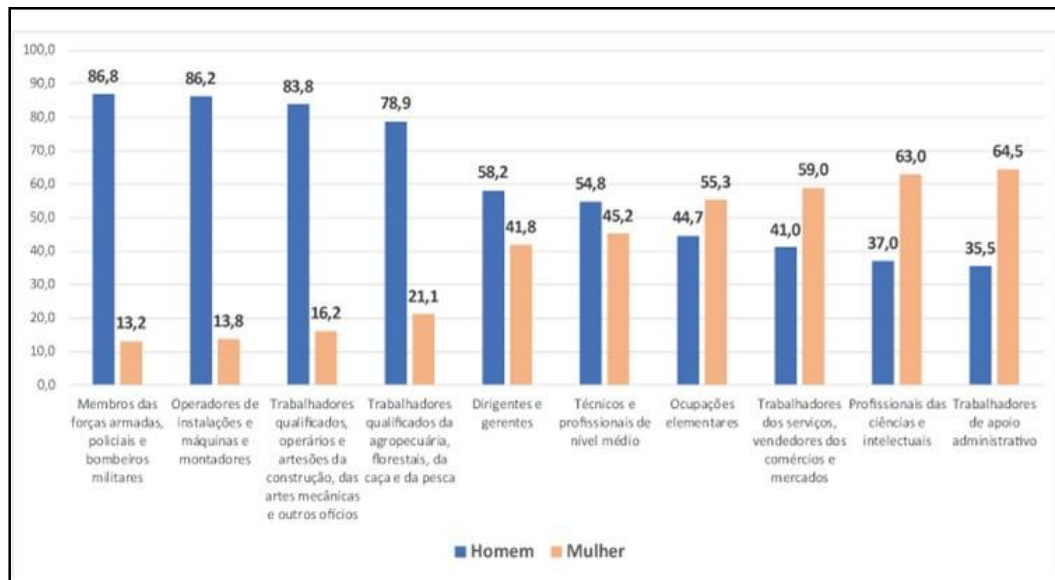
Já, dentro da editoria de estatísticas sociais do IBGE (2018) as classificações de dados trazem pautadas na idade de rendimento médio, critério de cor ou raça e ocupações em cargos. Vale destacar os “guetos tipicamente femininos” abordados por Bruschini (1994) que pode ser visto nos dados abaixo.

Considerando-se as ocupações selecionadas, a participação

das mulheres era maior entre os Trabalhadores dos serviços domésticos em geral (95,0%), Professores do Ensino fundamental (84,0%), Trabalhadores de limpeza de interior de edifícios, escritórios, hotéis e outros estabelecimentos (74,9%) e dos Trabalhadores de centrais de atendimento (72,2%). No grupo de Diretores e gerentes, as mulheres tinham participação de 41,8% e seu rendimento médio (R\$ 4.435) correspondia a 71,3% do recebido pelos homens (R\$ 6.216). Já entre os Profissionais das ciências e intelectuais, as mulheres tinham participação majoritária (63,0%) mas recebiam 64,8% do rendimento dos homens (IBGE, 2018).

As categorias em sua maioria demonstram a porcentagem desigual e inferior como demonstrado no gráfico a seguir segundo os agrupamentos ocupacionais.

Gráfico 3 - Distribuição percentual (%) da população de 25 a 49 anos de idade ocupada na semana de referência, por agrupamentos ocupacionais do trabalho principal, segundo o sexo - Brasil - 4º trimestre - 2018



Fonte: dado IBGE, Editoria Estatísticas sociais, 2018.

As porcentagens de trabalho que mais se destacam são membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares, 86,8% homens e 13,2% mulheres, e trabalhadores de apoio administrativo em sua maioria mulher 64,5% e homem 35,5%.

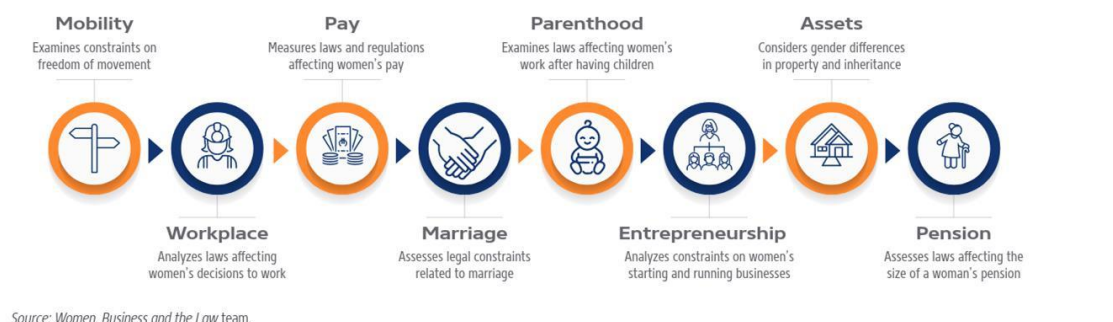
Gomes (2016, p. 84) realizou uma pesquisa com um grupo de participantes a fim de identificar as percepções de gênero a partir de perguntas sobre elementos que associavam a mulher aos homens, de acordo com a visão individual e quanto à opinião da sociedade, assim, do segundo modo obteve-se apontamento a características de sensibilidade (30,9%), afetividade (26,2%) e emoção (27,8%) para as mulheres e as respostas associadas aos homens, obteve-se autoridade (27%),

força (25%) e liderança (21%). A autora analisa que com os resultados perante a visão da mulher, os participantes percebem que a sociedade reproduz discursos de gênero e perante os homens caracteriza que os estudos de gênero deixam de discutir essa variação.

Baseado no estudo, de leis e regulamentos que afetam as oportunidades econômicas de mulheres em 190 economias, *Women, Business and the Law*, é uma realização do Banco Mundial³, em que utiliza de indicadores para construir evidências da relação entre a igualdade legal de gênero e o empreendedorismo e emprego das mulheres com o objetivo de entender fatores que influenciam a entrada no mercado de trabalho. Isto posto, o último documento publicado já com data de 2020, traz dados de acordo com a estruturação das pesquisas realizadas até então, composta pelos indicadores e assim, análises.

Infográfico 4 - Oito indicadores medem as diferenças jurídicas entre homens e mulheres à medida que passam por diferentes fases da vida profissional.

FIGURE 1.1 | EIGHT INDICATORS MEASURE LEGAL DIFFERENCES BETWEEN MEN AND WOMEN AS THEY TRANSITION THROUGH DIFFERENT STAGES OF WORKING LIFE



Fonte: equipe Woman, Business and the Law, 2020.

Diante da fonte de pesquisa, o conjunto de dados trazidos pela *Women, Business and the Law* é construído com base nas leis e regulamentos atualmente em vigor, para alcançar o entendimento que ocasiona desigualdades, os indicadores originam-se de questionamentos, na qual, 35 questões são pontuadas no que diz respeito a indagações para elucidar as possíveis condições desiguais.

O infográfico apresenta oito indicadores que medem as diferenças legais entre

³O Grupo Banco Mundial, uma agência especializada independente do Sistema das Nações Unidas, é a maior fonte global de assistência para o desenvolvimento, proporcionando cerca de US\$ 60 bilhões anuais em empréstimos e doações aos 187 países-membros (Nações Unidas, Brasil).

homens e mulheres na medida de transição por diferentes estágios da vida de trabalho, sendo eles: a) Mobilidade: examina restrições à liberdade de movimento; b) Local de trabalho: analisa as leis que afetam as decisões das mulheres de trabalhar; c) Pagamento: mede leis e regulamentos que afetam a remuneração das mulheres; d) Casamento: avalia restrições legais relacionadas ao casamento; e) Paternidade: examina leis que afetam o trabalho feminino após ter filhos; f) Empreendedorismo: analisa restrições para mulheres iniciarem e administrarem suas empresas; g) Ativos: considera as diferenças de gênero na propriedade e herança; e h) Pensão: avalia as leis que afetam o tamanho da pensão de uma mulher.

Woman, Business and the Law 2020 constatou que, ao longo do tempo, as reformas que aumentam a igualdade de oportunidades das mulheres contribuem para economias mais bem-sucedidas, maior participação feminina na força de trabalho e melhores resultados de desenvolvimento⁴. Assim, os resultados colhidos mostram a desigualdade existente, porém em movimento de mudança, o que indica a importância dos estudos de gênero para entender e intervir nessa condição.

1.3 Trabalho e gênero no Turismo

O Turismo como fomentador de desenvolvimento produz impactos que possui uma dicotomia, Piscitelli (2006, p. 208) alega que ao considerar o fator econômico, por exemplo, aumenta nível de renda e gera empregos e por outro lado pode alterar os sistemas de valores, os “comportamentos individuais, nas condutas morais e estilo de vida coletivos”.

Mudanças essas que contribuem com o fortalecimento de desigualdades e propagação do machismo e patriarcalismo ao colaborar com estruturas como o desequilíbrio na mão-de-obra, assim, há a contribuição majoritária do trabalho feminino em que vê-se a desigualdade de gênero perante as posições ocupadas.

A segunda edição da *Global Report on Woman in Tourism* (2019) consolida a afirmação dizendo que as mulheres são destaque no emprego formal no Turismo, portanto, são mais propensas a trabalhar em nível administrativo e menos do que os homens a alcançar o nível profissional, e como resultado, seu salário líquido médio é inferior ao dos homens.

As lacunas de gênero em razão da discriminação sexual, a partir da pesquisa,

⁴ <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/32639/9781464815324.pdf>

International Perspectives on Women and Work in Hotels, Catering and Tourism (2013, p. 9) relata que é necessário entender as oportunidades de emprego que o referente setor de serviços oferece a elas, apesar de serem maioria, estão sub-representadas nas posições elevadas, com níveis mais baixos de ocupação com pouca possibilidade de desenvolvimento de carreira e fatores adicionais como educação limitada, pobreza generalizada, saúde materna precária e falta de educação sexual contribuem com a segregação e a conciliação com a responsabilidade familiar. “Mulheres são empregadas como garçonetes, faxineiras, vendedores de agências de viagens, guias turísticos enquanto os homens são empregados como bartenders, carregadores, jardineiros, trabalhadores de manutenção”.

Ao relacionar os postos de trabalho ocupados dentro do setor pode-se perceber o uso da feminilidade como condição para executar funções que trazem traços dos afazeres da casa. Alves (2016) revela que o campo de trabalho é cercado de contradições na qual reproduz desigualdades entre homens e mulheres em função dos papéis sexuais socialmente construídos e aceitos. Ao relacionar o setor do turismo, engloba uma visão que ocorre na realidade empregabilística e a condição de gênero.

Elas compõem a força de trabalho no turismo com base em seus papéis tradicionais e sua própria confiança para cumpri-los, uma vez que são atreladas a funções que envolvem trabalho cuidadoso e relacionados ao âmbito familiar, bem como posições relativas aos serviços domésticos, em geral, com salários mais baixos (ALVES, 2016, p. 16).

As desigualdades na relação de gênero e turismo carecem de intervenção, pelas políticas públicas, empresariado e também por ações, no mais, são fonte de trabalho para essas mulheres. No próximo capítulo será apresentada a ação de extensão foco deste trabalho que traz uma medida de contribuição para amenizar a desigualdade.

2. MULHERES NO PROJETO CONVIVER: VISÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO SIMBÓLICA E SOCIAL

Este capítulo apresenta como as mulheres participantes vivem no espaço doméstico e como as ações realizadas no projeto são vistas por elas e pela coordenação. Trata também dos procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização da pesquisa, de modo que, baseados na construção de cada capítulo. A divisão se faz pela metodologia, o projeto em si, o perfil dos participantes e análise das entrevistas realizadas do projeto de extensão “Conviver – Valorização e Capacitação de pessoas para o turismo vivo”.

2.1 Metodologia utilizada na pesquisa

A abordagem da pesquisa se caracteriza como qualitativa. Vieira e Zouain (2005) evidenciam que “a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles” (*apud* AUGUSTO, SOUZA, 2013, p. 748). Ao indicar que, “nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem”.

A pesquisa assume caráter descritivo da análise. Segundo Gil (2002), as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc (GIL, 2002, p. 42).

Inicialmente, utilizou-se a pesquisa bibliográfica para fundamentação dos objetivos do trabalho, divididos nos primeiros capítulos, enfocados em historicidade de gênero e trabalho, gênero e turismo. Desse modo, utilizou-se livros de autoras feministas contemporâneas e artigos científicos visando além do embasamento, destaque para essas mulheres estudiosas que produzem conteúdo científico necessário para entender a estrutura econômica vigente, além de dados que comprovam a posição da mulher no mercado de trabalho.

Em conformidade com seu significado, a coleta de dados compreende o conjunto de operações por meio das quais o modelo de análise é confrontado aos dados coletados. Ao longo dessa etapa, várias informações são, portanto, coletadas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 56). Desse modo, utilizou-se coleta de dados secundários como relatório de atividades, documentos de planejamento e relatos dos participantes, a partir da base de dados do Projeto Conviver, autorizado pela professora coordenadora (Apêndice D).

À fim de entender quem são os participantes do projeto, foi feita a produção dessas informações em articulação com a equipe coordenadora. O modo de coleta se caracterizou pela criação de um formulário on-line, pela ferramenta *GoogleForms*, e para preenchimento mensagens foram enviadas individualmente pelo aplicativo *WhatsApp* à modo de auxílio e atenção aos participantes.

E por fim, foi elaborado um roteiro de entrevista semi-estruturado em dois diferentes enredos direcionado a um membro da equipe de coordenação e a duas participantes do projeto, sendo uma delas, atualmente integrante da equipe de coordenação. “As entrevistas ou observações exploratórias podem preencher essa função quando não são muito diretas, pois o objetivo não consiste em validar as ideias preconcebidas do pesquisador, mas em encontrar outras ideias” (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 44) e são essas ideias que causaram, durante a pesquisa, maior despertar e entusiasmo para o entendimento das inquietações do trabalho.

A entrevista conteve perguntas direcionadas a duas mulheres, atuantes e ativas nas atividades, com intuito de entender a vivência no espaço doméstico, inserção produtiva e a experiência no Projeto de extensão Conviver, visando os significados, conhecimento e atuação. E a um membro da equipe, ator chave que produz contribuições e análises das posições subjetivas dessas mulheres. As análises advêm a partir do ano de 2017, data de início das atividades do projeto de extensão, com diagnóstico também de relatórios produzidos até o ano de 2020, porém, tendo enfoque no ano presente.

Com sentido de realização, foram agendadas entrevistas por meio de mensagem no *WhatsApp*, instrumento de fácil e rápida comunicação, e conversa pela ferramenta online *GoogleMeet*. Concomitante, o Termo de compromisso Livre e Esclarecido (Apêndice C) foi enviado e devidamente assinado.

Esses fatos justificam-se pelo momento de distanciamento social causado pela pandemia do novo corona vírus⁵. Segundo fonte da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), atuante como escritório regional da Organização Mundial da Saúde (OMS) para as Américas, a OMS declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia

Em consequência da nova condição mundial, iniciou-se a medida de isolamento social com intuito de diminuir a propagação e contágio do vírus, dessa forma, distantes fisicamente, a parte prática da metodologia foi modificada como detalhado anteriormente, já que, seria utilizado como método a prática de grupo focal já que vai de encontro com a metodologia do projeto.

À fim de detalhar os entrevistados, integra a entrevista, uma participante que de acordo com seu desempenho durante as edições do projeto, atualmente, faz parte da equipe de Coordenação. Esta é residente na cidade de Ouro Preto - MG, divorciada, com idade de 40 anos, com escolaridade ensino médio completo e não atua com atividade remunerada.

Ademais, a segunda entrevistada é participante do projeto há aproximadamente dois anos, residente em Ouro Preto - MG, casada, com idade de 56 anos, escolaridade ensino fundamental incompleto e aposentada.

Por conseguinte, o terceiro e último entrevistado contribui desde o início, sendo membro da Coordenação do projeto de extensão Conviver, psicólogo com foco em clínica psicossocial e psicanálise aplicada. Assim, atuante através da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, na qual executa tal função pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania, parceira do projeto.

⁵ Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa.

Quadro 1 - Entrevistados

Atores entrevistados	Quantidade	Tempo de participação
Membro Coordenação	1	3 anos
Participante e Membro da Coordenação	1	3 anos
Participante	1	2 anos

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

As entrevistas foram gravadas, com permissão de cada entrevistado, e posteriormente transcritas para análise. A duração foi em média de 45 minutos e conduzida de acordo com a interação de cada indivíduo. Uma questão a ser ressaltada, se faz pelo fato, das entrevistas necessitarem primordialmente de conexão com internet, e dessa maneira, houve falhas que interromperam a fala e algumas vezes atrapalharam a fluidez na construção do argumento e raciocínio. Porém, o resultado foi satisfatório e a transcrição das entrevistas foram codificadas mantendo as características de cada diálogo e da personalidade entrevistada à modo de manter o sentido e valor da sua fala.

2.2 A extensão universitária: contextualização do projeto

A responsabilidade da Universidade frente à comunidade é realizada por ações entre professores, alunos e técnicos-administrativos. “Em termos nacionais, define-se Extensão Universitária, sempre associada ao Ensino e à Pesquisa, como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (PROEX/UFOP)⁶. O Plano Nacional da Educação fez com que a participação na Ação de Extensão seja obrigatória na formação do aluno, assim, a Universidade Federal de Ouro Preto está em processo de implantação através da curricularização da Extensão.

Gadotti (2017) salienta sobre as duas vertentes na formação da extensão universitária, uma assistencialista e outra não assistencialista fato que corrobora em papéis confrontantes. A primeira traz o caráter de estender o conhecimento científico para a comunidade na qual permeia pela direção unilateral, vertical e sem interação.

E a segunda “entende a extensão como uma comunicação de saberes”, que

⁶ <https://proex.ufop.br/node/5>

transmite importância ao conhecimento daquele indivíduo que irá participar dessas ações.

Por esse motivo, faz necessário ressaltar, Paulo Freire, pedagogo, filósofo e escritor, que cria o termo “comunicação universitária” na qual em sua obra⁷ faz análise da palavra extensão, de forma crítica pautando no campo de significação, a qual se encarrega de um sentido específico de estender algo, na qual o extensionista busca estender seu conhecimento e sua técnica.

Freire (1969) transmite as dimensões do campo associativo elencado a palavra em que nos induz a pensar em dois contextos extraídos, a extensão para o sujeito ativo, aquele que estende e a extensão, invasão cultural, através do conteúdo levado que reflete visão do mundo daqueles que levam, que se sobrepõe à daqueles que passivamente recebem. A ideia crítica trazida de detenção do conhecimento, sem troca, à fim de estender, se faz praticada de uma forma mal dominada, que sobrepõe o sentimento de superioridade por parte do suposto detentor do conhecimento pode ser observada no embate claro entre a técnica e a prática.

Mas, precisamente porque sua ação de extensão se dá no domínio do humano e não do natural, o que equivale dizer que a extensão de seus conhecimentos e de suas técnicas se faz aos homens para que possam transformar melhor o mundo em que estão, o conceito de extensão também não tem sentido do ponto de vista humanista. E não de um humanismo abstrato, mas concreto, científico (FREIRE, 1969, p. 11).

Ao se tratar da troca de conhecimento, já que nenhum indivíduo possui a autoridade de sobrepor ao conhecimento do outro, mas de potencializar a voz que já existe. Assim, este não se refere apenas aquele transmitido pelo científico, em que o ponto forte se caracteriza na necessidade de abrir mão da parte assistencialista e trabalhar na forma de diálogo, gerada pela comunicação e coparticipação no ato de pensar.

Logo, contra argumenta que extensão é ação educativa, levando em consideração o homem em si, a sua particularidade na qual envolve o cultural. “Parece-nos importante observar, como um provável componente constitutivo do modo mágico de pensar e atuar, a postura que o homem assume em face de seu mundo natural, e, conseqüentemente, em face de seu mundo cultural e histórico” (FREIRE, 1969, p. 19).

⁷ FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Trad. de Rosisca Darcy. Santiago de Chile, 1969.

De modo que não é possível tentar mudar ou ignorar o conhecimento do indivíduo, “o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (FREIRE, 1969, p. 22).

Ao reconhecer a extensão universitária como papel na formação do estudante, professores e colaboradores externos em prol da responsabilidade social ligada à Universidade diz respeito a um posicionamento. “Esta apropriação crítica os impulsiona a assumir o verdadeiro papel que lhes cabe como homens. O de serem sujeitos da transformação do mundo, com a qual se humanizam” (FREIRE, 1969, p. 23).

O projeto extensão, objeto de estudo deste trabalho, denomina-se “Conviver - valorização e capacitação técnica de pessoas para o turismo vivo” é uma realização do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, por meio da Pró-reitoria de extensão (UFOP) em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social, Habitação e Cidadania através do Centro de Referência de Assistência Social pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

A parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social, Habitação e Cidadania (SDSHC) via Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), se fortalece na questão primordial relacionada ao fato de ser espaço adequado em que se encontram as pessoas vislumbradas para participarem das ações do projeto pelo fato de ser acessível a eles. Logo, contribui com as ações viabilizando demandas para execução das atividades e também dispõe de profissionais como assistente social e psicólogo, essenciais para formação da equipe de coordenação.

O projeto teve início no ano de 2017 intitulado “Valorização e capacitação de jovens e mulheres para o turismo”. Vilhena, Costa e Alves (2018, p. 2) relatam que tem como objetivo de sensibilizar e capacitar para a atividade turística e cultural, com vistas à geração de renda, por meio da interdisciplinaridade entre economia criativa, empreendedorismo, direitos humanos e participação popular, economia solidária e desenvolvimento local. O projeto se desenvolveu ao longo de 2017 pautado em metodologias participativas, oficinas e atividades baseadas na solidariedade e na valorização das pessoas com vistas a cidadania plena.

Figura 1: Oficina Artesanato em papelão



Fonte: Dados do Projeto Conviver, novembro de 2017.

Ainda segundo Vilhena, Costa e Alves (2018) a evolução do projeto deu origem à sua nova versão em 2018, contemplando não apenas jovens e mulheres, mas também, famílias em situação de vulnerabilidade social, econômica e cultural com o intuito de incentivar a apropriação de aspectos de cidadania, dos lugares e da cidade bem como do turismo como elemento de desenvolvimento social e econômico pautados na concepção do turismo de base comunitária. O projeto passou a ser intitulado “Conviver: valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”.

A idealizadora e coordenadora do projeto, durante o processo de estudo e pesquisa ressignificou para a atividade no turismo o sentido da palavra “vivo”. Então, para Alves (2019, p. 35), turismo vivo é aquele que é, em princípio, teleologia, liberdade, criatividade e tem em consideração a realidade social e cultural de cada comunidade e sujeitos envolvidos na atividade (turistas, moradores, trabalhadores) (*apud* ALVES; BERNADINI, 2019, p. 2).

De acordo com relatório final⁸ devido a demanda percebida, foi necessário ampliar o escopo de participantes. Assim, o enfoque no turismo social, pode ser trabalhado a partir do acesso dos participantes aos pontos turísticos da cidade, com o intuito, também, da participação da comunidade na geração de renda. Para além disso, as ações priorizaram a autoestima e a apropriação dos espaços da cidade (universidade, atrativos turísticos, espaços públicos) por seus moradores.

⁸ Relatório final de atividades 2019, Base de Dados.

Figura 2: Oficina de Fotografia no campus Morro do Cruzeiro, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)



Fonte: Dados do Projeto Conviver, maio de 2018.

A edição de 2019⁹ dá continuidade às ações, na qual, anseia contribuir para propiciar aos moradores experiências que lhes permitam sentir-se “integrados” ao turismo que é praticado na cidade bem como, ao desenvolvimento de alternativas criativas e inovadoras de um tipo de turismo que internalize a variável local e as identidades envolvidas como elemento central de planejamento.

Figura 3: Visita técnica a cidade de Brumadinho – MG e ao Instituto Inhotim



Fonte: Dados do Projeto Conviver, dezembro de 2019.

⁹ Relatório final de atividades 2019, Base de dados projeto.

Todas as edições mantêm o mesmo eixo de atuação e são reformuladas de acordo com o surgimento de demandas e também, ao contexto que se encontram, tendo como prioridade o indivíduo. Objetivando valorizar as habilidades de cada um é observado e captado potenciais dessas pessoas dentro das atividades, na qual, oferecem espaço para que os participantes interajam, proponham atividades e possam vir a ministrar uma oficina de acordo com a sua especialidade e também, ouvir seus principais interesses alçadas a uma posição de produção de saber.

Há uma estrutura organizacional composta pela equipe de coordenação, assim, dividida em funções que adequam a capacitação ou habilidade daquele que o integra. Em síntese, cabe então a professora coordenadora a idealização e elaboração de atividades, bem como, buscar estratégias para o desempenho dessas, vinculadas a expertise em adaptar frente às adversidades. Cumpre o papel de guiar, orientar e a responsabilidade das demandas institucionais e externas, uma vez que, ela é a idealizadora do projeto

Ao se tratar do aluno, existem duas posições, o aluno bolsista e o voluntário, estes são encarregados em executar as demandas dentro da carga horária destinada a ele (Quadro 2) como elaborar o cronograma de atividades, colher relatos das atividades, conduzi-las, produzir o relatório semanal e final, entrar em contato com palestrantes e manter contato com os participantes, manter a base de dados atualizada e cuidar das mídias sociais.

Dessa forma, o colaborador externo contribui com visão de outras áreas diferentes do Turismo, importantes para o desenvolvimento das atividades e condução, principalmente com habilidade e competência em analisar os movimentos subjetivos e olhar clínico perante as necessidades dos participantes.

Integra-se a ele, uma equipe composta por membros itinerantes, pelo fato da mudança de semestre, a qual resulta na entrada e saída de alunos bolsistas e voluntários, entretanto, prevalece as funções. A tabela abaixo ilustra a base de integrantes.

Quadro 2: Equipe de trabalho da UFOP e colaboradores externos

Integrantes	Quantidade	Departamento/ Setor	Função	Carga horária semanal
Professora	1	DETUR	Coordenadora	6h

Aluna	1	DETUR	Bolsista	15h
Aluno	2	DETUR	Voluntário	5h
Membro	1	X	Colaboradora externa	5h
Membro	4	CRAS/SDSHC	Colaborador externo	5h

Fonte: adaptado de relatório final projeto Conviver, 2019.

O recorte espacial se faz no ano de 2020, especificamente, no primeiro semestre, já que as atividades são divididas por semestre de acordo com o calendário acadêmico da Universidade. Cabe ressaltar que as condições são mutáveis, ao passo que, estão em constante evolução.

Figura 4: Encontro de Abertura da primeira etapa do Projeto Conviver 2020



Fonte: Dados do Projeto Conviver, março de 2020.

Devido à pandemia, as ações de extensão tiveram que ser repensadas e reformuladas. As atividades presenciais foram suspensas em função do distanciamento social logo houve a necessidade de pensar em estratégias para continuidade das ações. Estabeleceu-se aqui, uma necessidade de entender o acesso a tecnologia do grupo participante e como seria o novo formato adequado ao contexto.

Assim, nasceu o “Conviver online” com a mesma essência e base

metodológica cujo novo formato foi submetido e aprovado pela Pró-reitoria de extensão (PROEX) através de uma Proposta de Planejamento. A nova modalidade exigiu da equipe de coordenação a busca pelo conhecimento de tecnologias resultando no desenvolvimento de novas competências e habilidades.

De acordo com a Proposta de Planejamento¹⁰ em votação unânime aprovou a continuidade das atividades por meio da promoção de debates virtuais, socialização de temáticas virtualmente e promoção de minicursos. De forma a manter a metodologia interativa e com enfoque ao Módulo Integrador, especificado logo abaixo.

Em razão da nova condição mundial, de acordo com Alves (2020) as estruturas tradicionais da atividade turística sofreram impacto e aceleração de mudanças que já estavam em processo, todavia, em virtude do isolamento físico, houve impacto na interação social das pessoas e afetou as comunidades do turismo.

Considerando que, nos meandros das sociabilidades distanciadas, deixa de ser exclusivamente cultural, das atitudes xenofóbicas, de exclusão e de choque cultural, no estreitamento da distância física, emerge a insegurança, o medo da contaminação. Cada vez mais deparamos com o fortalecimento de fronteiras, a fim de afirmar particularidades e o espaço para o indivíduo dialogar com o Outro, é minimizado (ALVES, 2020, p. 167).

Em virtude do espaço minimizado, a nova versão online vem com o intuito de oportunizar um local de diálogo, interação e da possibilidade de diminuir o sofrimento nesse período.

Desde o início, projeto propõe através das ações inserir, na atividade turística e cultural, pessoas em vulnerabilidade social, capacitando-os para a geração de renda e incentivo a apropriação da cidade por meio da interdisciplinaridade entre planejamento turístico, psicologia socioambiental, direitos humanos e participação popular. Como metodologia utiliza-se de estratégias participativas como técnicas de dinâmica de grupo, oficinas, visitas de campo e roteiros sensoriais.

As atividades acontecem semanalmente, intercalando o módulo específico e integrador. De acordo com a Proposta de Planejamento 2020¹¹, o Módulo integrador consiste em uma modalidade de ensino complementar e transversal, com o objetivo

¹⁰ Dados do projeto de extensão 2020.

¹¹ Proposta de Planejamento Projeto Conviver 2020, Base de Dados

de oportunizar processos de formação integral aos participantes, aportando conteúdos e vivências que favoreceram a reflexão crítica, a autopercepção, o resgate da autoestima, o espírito de cooperação, a troca de experiência, as manifestações culturais, o respeito às diferenças, entre outros conceitos. Engloba uma perspectiva multidisciplinar, por meio de uma metodologia lúdica e participativa, considerando as experiências de vida dos participantes, sua subjetividade, expressividade e criatividade, por meio de oficinas.

Já o módulo específico tem como objetivo o desenvolvimento da formação técnica, considerando, assim, a posterior inserção das mulheres e jovens a partir das demandas socioeconômicas e das características do trade turístico local. Oportuno registrar que foram considerados cursos de capacitação, livres e devidamente enquadrados nos eixos tecnológicos a que pertencem.

Quadro 3: Cronograma de atividades

Atividade	Data	Responsável	Observações
			Status da atividade
Evento de abertura	12/03/2020	Coordenadora e equipe	Concluída
Atividade – Museu da Inconfidência e turismo local	18/03/2020	Coordenadora e Responsável pela atividade	Suspensa Devido Pandemia
Reunião planejamento	30/03/2020	Coordenadora e equipe	Concluída
Mostra coletiva de fotografias sobre os espaços da cidade	02/04/2020	Equipe projeto	Concluída
Semana Santa em Tempos de Quarentena e o turismo	09/04/2020	Equipe projeto	Concluída
Manifestações Culturais em Tempos de Quarentena	16/04/2020	Equipe projeto	Concluída

Artesanato e turismo - Aprendendo Crochê	23/04/2020	Equipe projeto	Concluída
Hiper Convivência e Violência Doméstica	30/04/2020	Equipe projeto	Concluída
O Significado das Plantas	07/05/2020	Equipe projeto	Concluída
Os problemas que vem de fora	14/05/2020	Equipe projeto	Concluída
A Violência Doméstica Curta Metragem	21/05/2020	Equipe projeto	Concluída
Festas populares e a cidade em tempos de pandemia	28/05/2020	Equipe projeto	Concluída
Música para Alegrear e Dançar: Mas pode a produção musical produzir violência contra a mulher?	04/06/2020	Equipe projeto	Concluída
Tratando de Problemas da Família: a exterioridade com impasse ou via de passagem.	11/07/2020	Equipe projeto	Concluída
Racismo: isso não é legal O cultivo de plantas como terapia	18/07/2020	Equipe projeto	Concluída
O Ritual Como Recurso para o que não se quer banal	25/07/2020	Equipe projeto	Concluída

É São João! Conviver no “Reviver” em tempos de pandemia! Bumba Meu Boi do São Luís do Maranhão - Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade	02/07/2020	Equipe projeto	Concluída
Encerramento e entrega de certificados primeira etapa	09/07/2020	Equipe projeto	Concluída

Fonte: adaptado de dados projeto conviver, 2020.

O cronograma refere-se ao planejamento, a qual qualifica suas ações, contendo as datas, responsáveis e status da atividade, uma vez que, algumas mudanças, na prática, foram necessárias para a execução. As ações iniciaram de modo presencial e após alerta de pandemia, houve análise das possibilidades para continuidade das temáticas e adaptação ao novo formato.

As atividades tem acontecido de modo remoto por meio da utilização de dispositivos, recursos e plataformas online (redes sociais, *Instagram*, *Facebook*, *GoogleMeet* e *WhatsApp*). O grupo denominado “projeto conviver 2020” foi criado no ano de 2017 e nele, todos participantes interagem através de áudios, mensagens e fotos.

Contudo, no decorrer do ano de 2020, o *WhatsApp* e as salas virtuais estão sendo fundamentais para desenvolvimento das ações, na qual, ganhou ressignificação para além de um meio de comunicação. Relacionado ao período de isolamento social, os participantes utilizam como espaço para compartilhar afazeres artísticos, culinários, cuidados domésticos, com plantas e horta, assim como músicas, fotos com lembranças das atividades anteriores e em especial, contribuições a partir do conhecimento adquirido nas atividades.

O projeto Conviver encontra-se nas mídias sociais, visto que, produz informações a respeito das atividades, com intuito de viabilizar a comunicação das ações feitas e consequentemente atingir novas pessoas interessadas. O

*Facebook*¹², ferramenta utilizada desde o ano 2018, faz-se livre acesso para conhecer a trajetória dos encontros e visibilidade dos participantes. Agora, a utilização do *Instagram*¹³, se deu frente à nova versão adaptada ao presente contexto.

Assim, atua fortalecido com a prática da comunicação de saberes, em estimular espaços para a discussão aos participantes membros da comunidade de Ouro Preto, Minas Gerais cumprindo com o papel social de transformação frente a comunidade, em interface, com o aprendizado através do Curso de Turismo da instituição. Caráter que faz da Universidade atuante na segunda vertente extensionista.

Cabe aqui, ressaltar o turismo como fomentador de desenvolvimento e palco de ações que fortalecem a comunidade. “O turismo pode contribuir decisivamente para o desenvolvimento sustentável e para a inclusão social porque agrega um conjunto de dimensões favoráveis à solidariedade e à integração social” (RUA, 2006, p. 17).

Fato é que de acordo com Maria das Graças (2006, p. 17) o Turismo opera de forma abrangente para o intercâmbio cultural na qual produz “valorização de determinados ambientes e comunidades, estimulando o respeito e o interesse pela sua preservação”. Como relatado pela autora, ao se falar no contexto no mundo ideal e no real de valores, a realidade é bem diferente e ao se tratar de políticas públicas e as dificuldades envolvidas, ao relacionar com a comunidade à mercê dessas políticas que necessitam dessa atenção particularizada.

A menção à inclusão social remete ao seu contrário, a exclusão. Frequentemente confundida com a desigualdade, a exclusão deve ser corretamente entendida como a negação parcial ou total da incorporação de grupos sociais à comunidade política e social. É dessa maneira que, formal ou informalmente, são negados a esses grupos os direitos de cidadania, como a igualdade perante a lei e as instituições públicas e o seu acesso às oportunidades sociais de estudo, de profissionalização, de trabalho, de cultura, de lazer, de expressão etc. é impedido ou obstaculizado (RUA, 2006, p. 20).

Desse modo, na análise das entrevistas será discutido se o projeto Conviver consegue atingir os objetivos e a forma que atua no meio social de forma que consegue atender a sua nomenclatura.

¹² <https://www.facebook.com/projetoconviverufop>

¹³ @conviverop

2.3 Participantes: breve caracterização

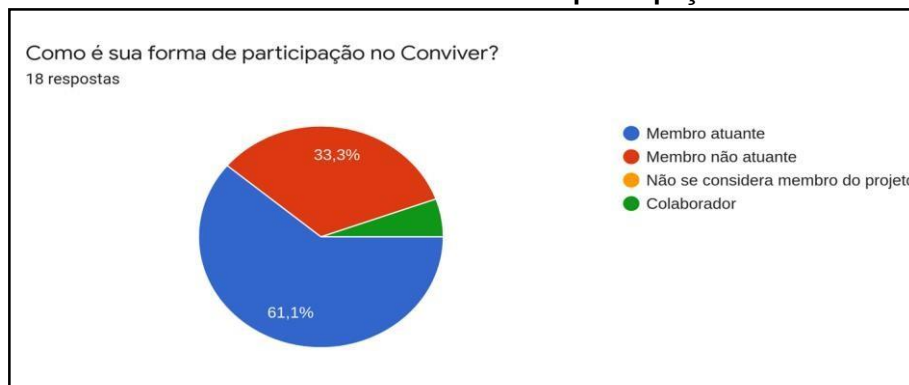
Conhecer o público-alvo é indispensável para o desenvolvimento de atividades, uma vez que estas contemplam finalidades e extrapolam a atividade em si (MACHADO; OLIVEIRA; CHAVES; PONTELO, 2018, p. 35). Ao traçar as

características, pode-se obter dados para trabalho científico e também para melhor conduzir os objetivos do projeto, todavia, ainda de acordo com os autores, apenas compreendendo bem o perfil dos participantes será possível estabelecer uma comunicação eficiente e desenvolver ações atentas às suas reais necessidades.

Para a coleta dessas informações, a ferramenta *GoogleForms*, possibilitou a construção de um roteiro de perguntas cuja estrutura foi dividida em três partes, Tempo de participação, Dados pessoais e Perguntas específicas. À fim de preenchimento, o processo de contato com os participantes decorreu de mensagens individuais e acompanhamento destes.

O grupo do projeto Conviver na ferramenta *WhatsApp*, onde acontece as atividades, tem um total de 53 pessoas. A contagem permeia-se pelos integrantes, sendo eles, membros da equipe de coordenação (10), membros que colaboraram em alguma atividade (3) e participantes (40).

Gráfico 5 - Forma de participação



Fonte: Dados do Formulário, 2020.

Dada a quantidade de participantes obteve-se alcance de 18 respostas. Das quais, vale ressaltar, o gráfico 4 aponta dados sobre a atuação nas atividades, 61,1% considera membro atuante, 33,3% membro não atuante e 5,6% colaborador. Esses dados abrem margem para pensar em hipóteses que justificam a não atuação, como indisponibilidade, falta de interesse, problemas pessoais, e em específico,

distanciamento de tecnologias que busca o entendimento sobre o alcance da metodologia on-line

Há a possibilidade de investigação desses dados a partir da concepção da exclusão dos meios digitais. Ragnedda e Ruiu (2016) alegam fatores de diferenciação social e cultural que caracterizam a dissemelhança no uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) ao relacionar a estrutura social.

A inclusão digital e os tipos de atividades realizadas na internet são, dessa forma, moldados não somente a partir das habilidades que os usuários possuem, mas também pelo interesse – ou falta dele – em usar as tecnologias digitais e pela posição individual na estrutura social (RAGNEDDA; RUIU, 2016, p. 92).

Embasado nessa análise, parte da premissa, em entender a posição individual no estrato social e sua motivação e direcionamento no uso da internet. Há a falta de interesse como fator de exclusão, logo, o estímulo ao uso das tecnologias pode ser adquirido através de fatores que condicionam esse comportamento. A falta de interesse ou falta de estímulo na adoção das TICs não são “neutras”, ou um simples caso de preferência individual, mas reproduzem outros fatores socioeconômicos e culturais presentes no sistema social (RAGNEDDA; RUIU, 2016, p. 95).

Contudo, Regnedda e Ruiu (2016) abstrai da investigação que as desigualdades digitais tendem a reforçar o desequilíbrio digital já existente na sociedade. “As variáveis socioeconômicas e culturais na base das desigualdades sociais interferem na qualidade das experiências on-line, afetando assim a quantidade e o tipo dos possíveis benefícios”.

Então, de acordo com esse estudo, faz-se conveniente destacar o comentário extraído do Formulário em que a participante alega ter interesse em aprender mais sobre tecnologias digitais, relatando assim, um possível distanciamento.

Por ora, eu gostaria que tivesse uma maneira de poder aprender através do projeto, mexer mesmo com as ferramentas por exemplo, o *Facebook* e *Instagram*, essas coisas assim porque a gente fica totalmente analfabeta e muitas coisas não dá pra gente fazer, isso que eu gostaria (DADOS FORMULÁRIO, 2020).

De todo modo, vale ressaltar que a partir das possibilidades desse distanciamento, há relato de uma das entrevistadas que traz a vivência no projeto online como positiva, forma de aprendizado e de diminuir o distanciamento físico.

Aprendo muitas coisas, troco ideias, alguém fala alguma coisa que pode ajudar o outro. E também uma forma de distrair, como se tivesse uma atividade. É como se tivesse frequentando lá na Universidade. Pra mim está sendo muito bom (PARTICIPANTE B, DADOS FORMULÁRIO, 2020).

Logo indica que o novo contato estimulou o desenvolvimento de outrem, então, abre caminho para reflexão futura: “O projeto exclui pessoas nessa nova modalidade? E qual impacto está produzindo naqueles que estão desenvolvendo novas habilidades? Quanto a avaliação do novo formato online, tem-se os seguintes dados:

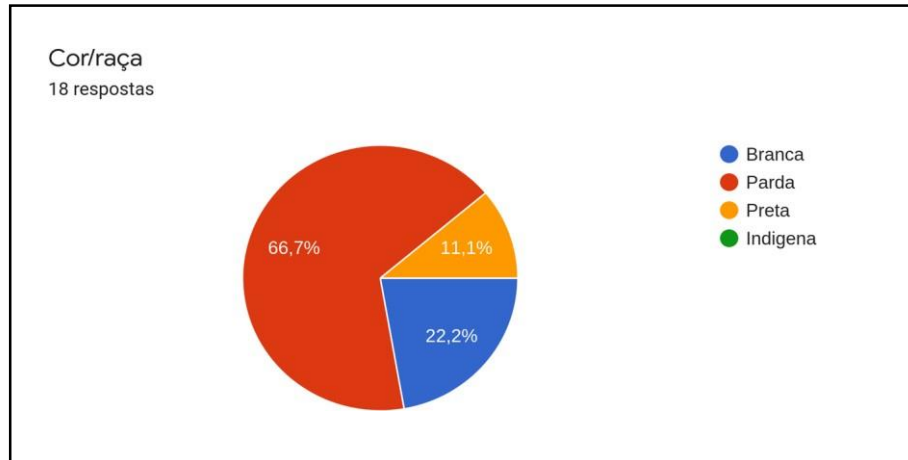
Gráfico 6 - Avaliação



Fonte: Dados do Formulário, 2020.

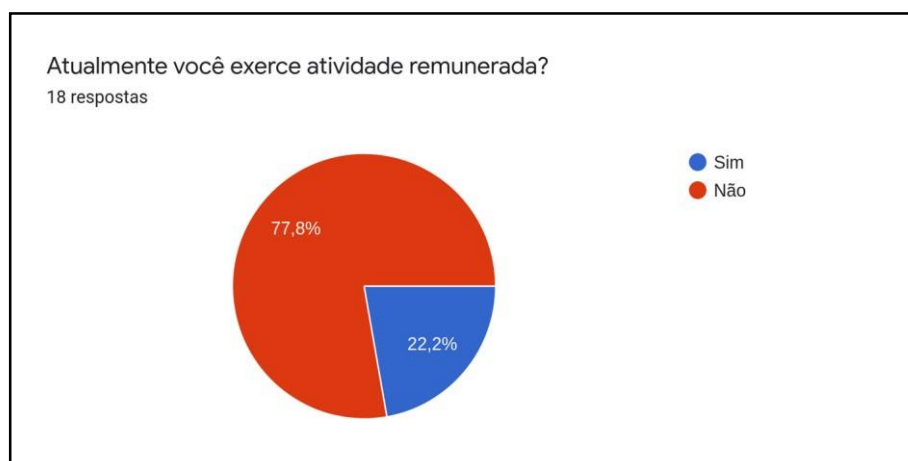
Em razão do objetivo da pesquisa, cabe agora, dispor os elementos coletados em função do gênero, idade, composição familiar, atividade doméstica e remunerada.

À respeito do gênero, o projeto vincula em média 77,8% mulheres, contando com 5,6% mulher transexual. Fronte a abrangência do projeto para famílias, percebe-se que a maioria permanece no gênero citado. Assim, dado a categoria de cor ou raça geral tem os seguintes dados:

Gráfico 7 - Cor/raça

Fonte: Dados do Formulário, 2020

A maioria dos participantes se considera como parda 66,7%, em segundo branca com 22,2% e preta com 11,1%, resultados que abrem margem para pesquisas futuras visando entender o fator raça na configuração da estrutura presente, assim brevemente discutido no primeiro capítulo. Relativo a idade, 16,7% tem 18 e 25 anos, 16,7% têm entre 26 e 35 anos, 22,2% têm entre 36 e 45 anos, 11,1% têm entre 46 e 55 anos e 33,3% tem acima de 55 anos. Nessa perspectiva, 38,9% são solteiros, 38,9% casados, 16,7% casados e 5,6% viúvo.

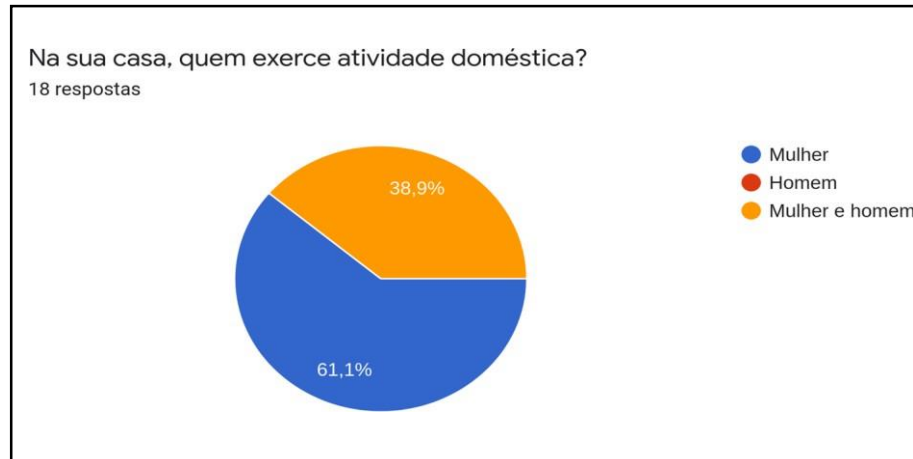
Gráfico 8 - Atividade Remunerada

Fonte: Dados do formulário, 2020.

Em relação à atividade remunerada, 77,8% não exerce no momento, o que indica a maior porcentagem, o qual notou-se durante a pesquisa que muitos encontram-se aposentados e muitos destes são também os que buscam

aprendizado e produção de novas habilidades.

Gráfico 9 - Atividade doméstica



Fonte: Dados do Formulário, 2020.

É de suma importância analisar o exercício da atividade doméstica haja vista a porcentagem coletada no gráfico 9, na qual, 61,1% corresponde a execução feita pela mulher, 38,9% pela mulher e homem e 0% somente ao homem. Ponto chave para retomar e demonstrar através do resultado as discussões do primeiro e segundo capítulo que ressaltam a divisão sexual do trabalho como resultado da ordem econômica Capitalista, entre a produção e reprodução, o que ocasiona a destinação do trabalho doméstico às mulheres, não assalariado, desvalorizado e naturalizado, assim, fruto da hierarquização de atividades imposta pelo patriarcalismo. Assim, será analisado como as mulheres entendem sua posição no âmbito doméstico.

Para entender a designação do serviço doméstico como refletido anteriormente, faz-se importante considerar o fato da composição familiar monoparental.

Cúnico e Arpini (2014, p. 38) discorrem sobre os modelos familiares em que a primeira organização iniciou pela família nuclear, composta pelo pai, mãe e filhos, atribuindo à mãe a responsabilidade pela vida privada familiar e ao pai pelo trabalho. Logo, “família nuclear coexiste com uma gama de outros arranjos familiares ricos em complexidade, tais como as famílias homoparentais ou homoafetivas, famílias monoparentais, famílias recompostas ou reconstituídas”. O ponto foco da análise se faz pelas mães chefes de família que vêm associadas à certa vulnerabilidade econômica pela múltipla função que carrega, de provedora e responsável pelos

afazeres domésticos, logo, a inserção no mercado de trabalho é caracterizada pela luta por sobrevivência.

O IBGE¹⁴ informa que “nos últimos dez anos, a chefia feminina na família aumentou cerca de 35%, de 22,9%, em 1995, para 30,6% em 2005”. Os dados envolvem uma mudança no paradigma de reconhecimento desse chefiamento, portanto:

Em relação a 1995, cresceu também a proporção de famílias chefiadas por mulheres que tinham cônjuge. No ano passado, do total das famílias com parentesco, em 28,3% a chefia era feminina. Em 18,5% desse universo, as mulheres eram chefes, apesar da presença do cônjuge. Em 1995, essa proporção era de 3,5%. O indicador aponta não somente para mudanças culturais e de papéis no âmbito da família, como reflete a idéia de chefia 'compartilhada', isto é, uma maior responsabilidade do casal com a família (IBGE, 2006).

Contudo, a quantidade de participantes alcançada consegue refletir o todo, uma vez que, tem-se a maioria atuante. A liderança feminina nas ações afirma a condição de trabalho no âmbito doméstico.

3. RELATOS E VISÕES: PARTICIPANTES E COORDENADOR

Nesse tópico, são apresentados os relatos de pessoas que ocupam funções diferenciadas no projeto, cada um, com visões a respeito da vivência no Projeto Conviver, assim sendo, de acordo com sua função, as quais são fundamentais para entendermos como as mulheres participantes do projeto Conviver vivem no espaço doméstico e a se apropriam de outros espaços em Ouro Preto, bem como historicidade e gênero, e trabalho, gênero e turismo, entendendo assim, como o projeto atua no desenvolvimento dessas mulheres,

Como discutido, as atividades do projeto iniciaram objetivando a formação de jovens e mulheres para o Turismo e à medida que as ações foram se desenvolvendo, e ganhando visibilidade, houve um aumento de demanda muitas das vezes, participantes que traziam membros da família e amigos e também a partir do acolhimento no CRAS. Todavia, após abertura ainda se vê a maioria de mulheres que frequentam as atividades e por algum motivo estão fora do mercado de trabalho.

¹⁴ <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=774&t=ibge-detecta-mudancas-familia-brasileira.&view=noticia>

Vale recapitular, que a entrevista compõe duas mulheres participantes que tiveram destaque nas atividades e perceptível prosperidade, desde a entrada até o momento atual. Assim, durante a entrevista foi notado firmeza e apropriação da fala, posicionamento e conhecimento com bagagem das reflexões feitas no projeto.

Desse modo, apresentam-se as reflexões de um membro da Coordenação, que atua voluntariamente como colaborador externo, dispondo de sua atuação como psicólogo, em que enfatiza a aproximação de um referencial teórico que é a psicanálise aplicada e a clínica psicossocial. Fato estes que agregam uma visão clínica, iniciada desde o acolhimento no CRAS, direcionamento ao projeto e desenvolvimento nas atividades, logo, unindo com a experiência e reflexões feitas por meio das reuniões do projeto.

3.1 Estruturas de poder: lugares ocupados pelas mulheres do projeto

Ao se tratar do primeiro objetivo específico da pesquisa, que é compreender a relação entre historicidade e gênero, a discussão envolveu a premissa que só foi possível o capitalismo emergir como novo sistema econômico pelo fato de as mulheres colaborarem reproduzindo a força de trabalho, cuidando da família e do lar, fato que as colocou nessa posição dominada, estruturada e excludente. Nesse viés, ao questionar esse ponto ao entrevistado, ele concorda com a afirmação dizendo que a condição é real, sendo que, já acolheu e entrevistou o fenômeno da própria mulher desvalorizar o trabalho que exerce dentro de casa além de estar condicionada a não reconhecê-lo.

[...] à respeito do trabalho da mulher, da valorização do trabalho, eu vou então trazer mais um conceito da psicanálise que é o conceito mais de gozar, ele extraiu do Marx, da mais valia, e o mais de gozar é nada mais e nada menos, o trabalho sem remuneração, certo? Então esse trabalho, ele tá muito presente com as mulheres que eu tenho acesso, na clínica ele aparece muito com os atendimentos individuais, nos acolhimentos no Cras, “ah eu não trabalho não, eu só cuido da casa” (MEMBRO DA COORDENAÇÃO).

Assim destaca, a não identificação, por parte delas, do importante papel que exercem no trabalho doméstico, haja visto que, ao ser identificado durante as atividades do projeto foi feita intervenção e como resultado houve apropriação e reprodução da fala ressaltando o serviço doméstico como trabalho, aquele executado incansavelmente, muitas vezes estressante, que exige saúde mental, e muitas vezes

invisibilizado, visto que, se de alguma forma deixado sem fazer ocasiona desestruturação na organização familiar. Esse raciocínio pode ser correlato a partir da indagação feita para entrevistada a respeito das funções atribuídas para as mulheres e o trabalho doméstico como trabalho.

[...] É muito mais trabalhoso, é um trabalho que você faz 24 horas se deixar e ninguém valoriza esse trabalho[...] mas em casa você trabalha muito mais e não ganha nada, não tem remuneração não [...] ninguém valoriza uma doméstica, uma pessoa que fica em casa, dona do lar, “ah ela fica em casa, ela do lar, trabalha não, fica só em casa”.. “ah fica em casa só deitada, fazendo unha?” não. Ela trabalha, ela lava, ela passa, ela cozinha, ela busca o menino na escola, faz muito mais coisas e não ganha por isso também (PARTICIPANTE A).

Essa resposta qualifica a condição estruturante em que a mulher é colocada no âmbito do lar, em consonância a questão, a segunda entrevistada apresenta reflexão interna e externa.

Acredito que hoje em dia, por mais que eu tenha sido criada numa família onde as tarefas domésticas quanto financeiras sempre foram divididas, a sociedade dos homens ainda cobra muito isso da mulher, “você é mulher você tem que lavar” (PARTICIPANTE B).

Assim, as participantes apontam uma estruturação já condicionada e imposta, assumindo um papel independente da escolha, que procede uma soma de funções, sendo, cuidar casa, ser uma dona de casa, aprender a costurar, fazer almoço, ter família e casar.

Eu acho assim, por ser mulher as pessoas cobram muito da gente né, pelo menos no tempo que eu cresci era assim, casar ser dona de casa e trabalhar [...] Hoje em dia eu fico vendo o modo de fazer as coisas né, mas por ser mulher é assim, ter um compromisso, uma responsabilidade na sua vida. Eu nunca pensava só em mim, sempre tudo o que eu fazia eu pensava nos outros, e sempre ficava pra trás, a gente não tinha essa coisa de ficar assim pensando, igual hoje em dia, você prefere “ah eu não gosto disso, então não vou fazer” você acabava fazendo pra agradar todo mundo mesmo se você não tiver satisfeito (PARTICIPANTE A).

Kergoat (2007, p. 597) indica essa condição, o trabalho gratuito e invisibilizado sempre em prol da família e do outro, “em nome da natureza, do amor e do dever materno”.

[..] a questão relacional fica muito comprometida e é contra isso que a gente trabalha, no sentido de uma humanidade, esse sujeito tem várias dimensões, pode ser do trabalho, sujeito

estético, da espiritualidade, político, intelectual, poético, é assim que se constrói a liberdade humana, a partir da diversidade, você não ficar só no trabalho ou no intelecto, mas na diversidade (MEMBRO DA COORDENAÇÃO).

Ao passo que, o membro da coordenação enfatiza que corpo da mulher fica objetalizado, assim, os corpos em si ficam, a qual se estende às outras áreas não só no trabalho, muitas vezes na medicina, na psicologia, na educação, os corpos estão objetalizados. Condições que necessitam de intervenção além daquelas advindas dos órgãos públicos.

3.2 Atuação do projeto: valorização de pessoas

Relacionado a esse ponto, a forma de acolhimento dos participantes, como relatado, se dá na maioria das vezes por meio do atendimento no CRAS e direcionamento ao projeto, fato que, colabora com a análise do comportamento desde o início. Dessa forma, a respeito da percepção acerca do momento de chegada dessas mulheres no projeto e o desenvolvimento delas, o entrevistado destaca um ponto crucial.

O projeto resgata muitas coisas de vital no sujeito mas ele não vai corrigir uma coisa que é de ordem estrutural, a gente não vai reduzir a desigualdade macroeconômica, a gente não pode tapar o sol com a peneira, o projeto é extremamente importante, essencial mas ele não basta, ele tem seus limites [...] (MEMBRO DA COORDENAÇÃO).

Ressalta casos que o sujeito tem um crescimento perceptível, como a passagem de uma condição precária, de queixa e desânimo com a vida, e após participação nas atividades começa se apropriar de si. Fatos que mostram a partir do posicionamento e também em formas mais sutis como apropriar-se da sua voz. “Eu como psicólogo posso dizer que o projeto pode muito ter servido nesse caso para evitar a produção de um adoecimento psíquico, via depressão” (MEMBRO DA COORDENAÇÃO).

Com base na pesquisa “Perfil dos participantes”, é possível extrair relatos que justificam a fala a cima, a partir da pergunta “O projeto conviver contribui de alguma forma para você? Como?”. A qual obteve respostas como “sim, me ajudando a ser mais corajoso e aumentar minha autoestima” e “me tirou da depressão”, junto a:

[...] Ah quando entrei era muito travada, ficava com vergonha, tanto é que eu fui pelo Cras. [...] Mas eu cheguei lá assim bem,

com autoestima muito baixa [...] Eu fui soltando, fui gostando, fui vendo que você podia chegar e conversar com as pessoas e que estavam ouvindo o papo da gente direitinho porque tem lugar que você vai que você fica com vergonha. E lá não, fica bem a vontade mesmo, é natural (ENTREVISTADA A).

Faz-se necessário apontar que relatos como estes são importantes fontes de avaliação, dessa forma colhido como entrevista e dentro da metodologia do projeto são colhidos espontaneamente durante as atividades de forma fluída, visto que, a convivência e entendimento de seus movimentos foram peças chaves para identificar o alcance das ações. Isto posto:

Eu entrei totalmente crua no projeto e vejo que uma coisa que melhorei bastante foi na forma de comunicar, assim, não é que eu seja quieta, eu não sou de conversar muito, mas de observar, e uma coisa que eu aprendi lá. Sabe quando a gente tem que sair na conchinha da gente? Tava acostumada só com meu grupo social, e no projeto eu me abri, tive que aprender a lidar com pessoas totalmente diferentes de mim, que eu não tinha o menor convívio, então eu me tirei dessa conchinha (PARTICIPANTE B).

Agora, os relatos envolvem a premissa do projeto, apontado pelo membro entrevistado, de um “acolhimento no simbólico”, fato que denota o ser como indivíduo com suas particularidades que muitas vezes pode vir a exercer atividade remunerada, mas está à margem. O que evidencia a necessidade desse acolhimento, tanto que, quando essa intervenção é feita “o indivíduo olha para a cidade, empoderado, com mais propriedade e consegue executar ações de movimento próprio, consegue assim, enxergar algo de si e não só pela sua atribuição”.

[...] acolher num sentido de um crescimento, então a pessoa tem que se sentir acolhida, ela tem que ter um lugar no simbólico. O que que é um lugar no simbólico? É um lugar no sistema de trocas e a inclusão no simbólico como sistema de trocas é o que nos mantém vivos e seguros (MEMBRO DA COORDENAÇÃO).

Desta forma, quando se aplica a partir do acolhimento e crescimento do método, a posição perante a cidade se faz com mais propriedade. Assim, enfatiza o movimento de colocar algo de si, como consequência de um movimento próprio e performativo. Essa intervenção advém da metodologia das atividades e com destaque para a valorização do indivíduo, em movimento de identificar suas habilidades, por exemplo, artesanato, culinária e arte, oportunizando e incentivando a apropriação e posição de produção do saber. Assim, ao perguntar a Participante A em relação a experiência obtida após ser convidada a ministrar uma oficina de pães

no projeto. Ela relata:

[...] ter oportunidade de mostrar o que você sabe e as pessoas ouvir, prestar atenção, não era uma coisa assim super fantástica né, mas para mim tava sendo um momento único, porque a gente fica assim, valorizado como pessoa, seu conhecimento... Porque às vezes a gente sabe das coisas, mas ninguém quer ensinar ou quer ouvir você ensinar (PARTICIPANTE A).

Esse relato é fundamental para entender o sentido impactante advindo da valorização do seu saber e como esse empoderamento pode refletir em toda sua relação com a vida, um movimento de qualificação para viver e para ocupar dos espaços da sociedade.

Esse impacto trazido da ação de extensão, Paulo Freire (1969) relata que não nos é possível ignorar a conotação ostensiva da invasão cultural que há no termo extensão, porém, cabem às práticas e objetivos das ações unirem os conhecimentos em prol da transformação.

O autor diz que “ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). Pois sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais” (FREIRE, 1969, p. 30). Essa preparação deve se dar por uma sucessão constante do saber, crucial ao ressaltar iniciativas que as agregam.

Com toda investigação feita, é chegado o momento de entender o lugar que elas ocupam lugar na atividade remunerada. O membro entrevistado enfatiza “agora, a gente tem que desconstruir um pouco também uma coisa do imaginário que as participantes são todas elas em extrema pobreza, que nenhuma tem atividade remunerada” (MEMBRO DA COORDENAÇÃO).

[...] muitas das participantes elas já tem a própria renda, na qual elas já são aposentadas ou elas recebem pensão e elas têm o projeto, o uso que elas fazem do projeto é assim, para valorização pessoal, elas não usam um incremento profissional. [...] se a gente for com a lente da reles visão dos nossos tempos você vai ver pessoas comuns e com pouca coisa pra oferecer, e não é assim, o saber delas, elas têm carreiras, tem pedagoga aposentada, cozinheira aposentada que dedicou uma vida trabalhando na universidade, o saber do campo ali, é uma diversidade, são saberes é uma gama contundente e diversa (MEMBRO DA COORDENAÇÃO).

Logo, a participante A, alega ser aposentada, trabalhou durante a vida como cozinheira em restaurantes, hotéis e eventos. No momento, vislumbra possibilidades

de exercer atividade remunerada, alegando, que ao olhar ao redor, agora identifica afazeres que antes achava que não se encaixava a ela e agora enxerga potencial em assumir a função que desejar. Este é o ponto em que a metodologia do projeto que diz respeito à apropriação da cidade e do próprio eu é alcançada, ao experienciar as visitas técnicas e conhecer atrativos turísticos além da área central de Ouro Preto – MG, adicionando, a entrada dessas participantes no espaço da Universidade em contato com o conhecimento do Turismo ocasiona na transformação relação de pertencimento e do lugar em que ocupa na sociedade.

Ao perguntar a participante B se ela exerce atividade remunerada no momento obteve-se a seguinte resposta:

Até tentei, mas hoje em dia acho que tenho que me aprimorar mais, buscar mais conhecimento, conseguir fazer uma faculdade, um curso superior, estão exigindo demais, tô procurando fazer novas línguas, aprender novos idiomas que acho importante também, coisas que não fiz antes que dificultou a minha entrada no mercado de trabalho hoje (PARTICIPANTE B).

Traz assim, a dificuldade de inserção produtiva na cidade e a exigência do mercado de trabalho, logo, complementa sobre o ganho do projeto ao abrir novos horizontes e mostrar oportunidade de trabalho no Turismo adquirida por intervenção dos membros da Coordenação.

[...] apesar de eu gostar imensamente de idiomas, que estou convivendo desde sempre, mas percebi que o turismo tá muito assim, está abrindo horizontes que eu possa estar fazendo uma carreira nesse sentido, sendo que eu não vou perder minha parte com línguas [...] Se eu mudar meu foco, fazer uma carreira promissora. Me deu estímulo para vivenciar principalmente no mercado do turismo que vai ser uma vertente ótima para minha vida (PARTICIPANTE B).

Tal relato mostra que o Turismo possui caráter transformador, o qual, “corrobora como ferramenta de inclusão no sentido de pertencimento, identidade, memória coletiva e individual e cria novas expectativas sobre o fenômeno, não apenas por fatores mercadológicos, mas pelo lado da promoção humana” (ALVES; BERNARDINO, 2020, p. 14).

Para finalizar, durante a pesquisa foi alertado pela equipe de Coordenação a respeito do significado referente à “capacitação” que pressupõe o desenvolvimento de habilidades e competências técnicas, atitudinais e longitudinais, para além da característica de inserção profissional dado o posto de ganho pessoal, de

enfrentamento e empoderamento. O impacto das ações visa estimulá-las a entender a posição como mulher e a visão perante a cidade, alinhado a outros aspectos da vida, não só da execução do trabalho. Os depoimentos mostram as mudanças e o fortalecimento, o que pode afirmar que o maior ganho do projeto é pela inclusão no simbólico, ao encontrar essa mulher inserida no meio a partir do movimento próprio e o ganho real baseado no sentimento de pertença e apropriação da cidade.

Durante o processo, o projeto é remodelado de acordo com a demanda dos indivíduos a fim de atingir os objetivos mantendo o foco de “valorização e capacitação para o turismo vivo”, fato é, que o projeto não caminha sozinho, é feito por pessoas que se identificam com as ações e dispõem do voluntariado. As ações são planejadas e executadas de acordo com a viabilidade e alcance dos fatores necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instigação para entender a razão pela qual as mulheres estão à mercê das relações sociais e econômicas abriram um universo vasto de conhecimento, àquele relacionado à estruturação de poderes da nossa sociedade, o patriarcalismo como dominação da vida da mulher e a ordem econômica Capitalista como marco da colocação feminina nos afazeres domésticos e na reprodução.

Os dados tanto micro quanto macroeconômicos trazem a desestruturação e desigualdade em ganhos salariais e nos cargos ocupados, assim como no campo do Turismo, é colocado o uso da feminilidade como característica para execução de trabalhos vinculados ao doméstico e o distanciamento dos cargos de gerência sendo que as mulheres são a maioria trabalhadora no setor.

Agora, a análise por meio da ação de extensão sob o domínio da comunicação mostra como o projeto Conviver encaixa na real concepção de união do saber e respeito às culturas. A tríade da Universidade é cumprida, o ensino por meio das aulas, a extensão vivenciada no projeto e a pesquisa que gerou a monografia.

Pontos cruciais são importantes destacar, a instigação inicial procurou entender porque elas estavam fora do mercado de trabalho já que tinham disponibilidade para frequentar as atividades, logo, foi entendido e destacado que elas possuem profissão, exercem ou exerceram trabalho durante a vida, o fato de estarem no espaço do projeto caracteriza pela procura de aperfeiçoamento o que mostra que buscam valorização pessoal e os resultados dizem que ali encontram. Agora percebem oportunidades antes distantes e principalmente de trabalho no Turismo.

Outro ponto se faz por um despertar, durante a pesquisa foi necessário entender a real concepção de capacitação, comumente pensado que ela é alcançada quando resulta no ingresso a um emprego. Logo, o fator de intervenção do projeto caracteriza pelo desenvolvimento de habilidades o que estimula a apropriação da própria vida resultando no movimento próprio e performativo. A mudança deve acontecer no simbólico para depois acontecer no campo do real, assim, o indivíduo se enxerga no mundo, se vê ocupando outros papéis na sociedade além de valorizar o trabalho que já exerce, dentro e fora de casa. Há presente nos participantes a disposição para o trabalho, porém existe a ausência

do encorajamento, e ao decorrer das atividades, eles apresentam segurança para alçar novos voos.

Essa inclusão no simbólico não exaure a inclusão no real, esta é resultado da metodologia do projeto por meio das visitas técnicas, oficinas e contato com a Universidade que produz apropriação e inserção das pessoas em lugares, na própria cidade, antes não visitados.

O projeto atua em meio de adversidades, o contexto da pandemia, foi uma delas o que faz dele dinâmico ao trabalhar sempre com mobilização da coordenação, dos grupos e das pessoas mantendo-se firme no propósito.

Contudo, as análises deste trabalho foram feitas em conjunto com a equipe coordenadora e assim, orientadores, o que resulta no amadurecimento de um longo processo de estudo e maturação, portanto, não finalizam aqui. O recorte foi feito no primeiro semestre de 2020 e o segundo já apresenta desenvolvimento dos participantes em relação às ferramentas digitais, reuniões on-line e participação em *lives*.

O estudo de gênero oportunizado por este trabalho fez-se fundamental para entender com profundidade as condições do ser mulher na sociedade de modo que o estudo deve ser constante e devemos estar sempre atentos às estruturas dominantes. O que possibilita estudos futuros nas três vertentes enfocadas, turismo, extensão universitária e gênero. Juntamente com as questões levantadas durante a pesquisa “O projeto exclui pessoas nessa nova modalidade? E qual impacto está produzindo naqueles que estão desenvolvendo novas habilidades?”. Logo, possibilita a continuação da pesquisa em nível de pós-graduação.

E para terminar, o percurso vivido, estudado e experienciado até aqui tornou-se a formação acadêmica da presente autora mais humana e transformada principalmente pelo contato e trocas com a comunidade Ouro Pretana através da extensão universitária.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2015.

ALVES, Kerley dos Santos. **Trabalho em Turismo e Relações de Gênero**. In: ALVES, Kerley dos Santos (Org.). Trabalho, turismo e gênero: uma abordagem interdisciplinar. Ouro Preto: UFOP/Departamento de Turismo, p. 15-27, 2016,.

ALVES, Kerley dos Santos. **Notas sobre o turismo: o local e as pessoas no pensamento pós-pandêmico**. In: FIGUEIRA, L. M.; OOSTERBEEK, L (coord.). Turismo Mundial, Crise Sanitária e Futuro: visões globais compartilhadas. Portugal, p. 165-176, 2020.

AUGUSTO, C. A. et al. **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011)**. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v. 51, n. 4, p. 745-764, Dec. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em: 23 jul. 2020.

BAUM, Thomas. **International Perspectives on Women and Work in Hotels, Catering and Tourism**. International Publications: University of Strathclyde, 2013.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BRUSCHINI, Cristina. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. Estudos feministas: Florianópolis, p. 179-199, jan. 1994.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos 10 anos**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. p. 537-572, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. *Estudos Avançados* 17(49), São Paulo: USP, p. 117-132, 2003.

CÚNICO, Sabrina Daiana e ARPINI, Dorian Mônica. **Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família**. *Aletheia* [online], n. 43-44, p. 37-49, 2014. Em 2018, mulher recebia 79,5% do rendimento do homem. **Agência IBGE notícias, 2020**. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23923-em-2018-mulher-recebia-79-5-do-rendimento-do-homem>> Acesso em: 25 set 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FOGUEL, Miguel Nathan; RUSSO, Felipe Mendonça. **Decomposição e projeção da taxa de participação do Brasil utilizando o modelo idade-período-coorte (1992 A 2030)**. In: IPEA, Mercado de Trabalho: conjuntura e análise 2019.

Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Organização Pan-Americana de Saúde, 2020. <[OPAS/OMS Brasil - Folha informativa – COVID-19 \(doença causada pelo novo coronavírus\)](#)>, Acesso em: 21 de jun. de 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Trad. de Rosisca Darcy. Santiago de Chile, 1969.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire, São Paulo, 2018. Seção Lançado o Relatório da edição de 2018 do Fórum Social Mundial. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf> Último acesso em: 18 de ago. 2020.

GATTI, Bernadete A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa.** 1. ed. Universidade do Rio Grande do Sul, Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002.

GOMES, Mariana Selister. **Dimensões simbólicas da desigualdade de gênero: uma análise a partir do *trade* turístico sergipano.** In: ALVES, Kerley dos Santos (Org.). Trabalho, turismo e gênero: uma abordagem interdisciplinar. Ouro Preto: UFOP/Departamento de Turismo, p. 77-93, 2016.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.** Tempo social, 26(1), 61-73, 2014.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho.** Trad. Fátima Murad. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. p. 595-609, 2007.

LOPES, Cristiane Maria Sbalqueiro. **Direito do trabalho da mulher: da proteção à promoção.** Cadernos pagu (26), jan./jun. p. 405-430, 2006.

KAKWANI, Nanak; SON, Hyun H. **O Poder de Geração de Renda das Mulheres e o Bem-Estar.** N. 19. Internacional Centro de Pobreza, 2006.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais do sexo.** Trad. Miriam Nobre. Paris: Dictionnaire Critique du Feminisme, 2000.

_____. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais.** Trad. Antonia Malta Campos. Novos estud.-CEBRAP, São Paulo, n. 86, p. 93-103, Mar. 2010.

MACHADO, A. E. M; OLIVEIRA, D. V.; CHAVES, E. R.; PONTELO, M. L. A. **Assistência Social e Universidade: uma interface necessária.** Revista UFG, 2018.

NEVES, Magda de Almeida. **Anotações sobre trabalho e gênero.** Caderno de pesquisa, v. 43, n. 149, maio/ago. p. 404-421, 2013.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero, Turismo e desigualdade.** In: MINISTÉRIO DO TURISMO (Org.). **Turismo social: Diálogos do Turismo - uma viagem de inclusão.** Rio de Janeiro, IBAM, p. 205-245, 2006.

RAGNEDDA, M.; RUIU, M. L. **Exclusão digital:** como é estar do lado errado da divisão digital. Trad. Andrea Limberto. Revista Rumores, vol. 10, nº 20, jul./dez. p. 90-113, 2016.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher.** 2007 Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Último acesso em: 02 dez 2019.

RUA, Maria das Graças. **Turismo e Políticas Públicas de Inclusão.** In: MINISTÉRIO DO TURISMO (Org.). **Turismo social: Diálogos do Turismo - uma viagem de inclusão.** Rio de Janeiro, IBAM, p. 17-37, 2006.

SAFFIOTI, H.I.B. **Rearticulando gênero e classe social.** In: OLIVEIRA, A.; BRUSCINI, C. (Org.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SAFFIOTI, H.I.B. e ALMEIDA S.S. **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter Ltda., 1995.

SILVA, Sergio Gomes. **Masculinidade na história:** a construção cultural da diferença entre os sexos. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, set.2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=pt&nrm=iso> acesso em 17 jun. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

TILLY, Louise A. **Genre, histoire des femmes et histoire sociale.** Trad. Ricardo Augusto Vieira. Cadernos Pagu (3), p. 29-62, 1994.

VILHENA, L. F.; COSTA, R. K.; ALVES, K. S. **Turismo e desenvolvimento social:** Economia solidária na extensão universitária. Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária: UFSCAR, 2018.

WITZEL, A. C. P.; ALVARENGA, M. A. de F. P. **Análise da Família Monoparental como Entidade Familiar Após o Advento da Constituição Federal de 1988.** Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 18, n. 3519, 18 fev. 2013. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/23739>>. Último acesso em: 8 out. 2020.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRETON, David Le. **A sociologia do Corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERRARI, A.; RIBEIRO, C. M.; CASTRO, R. P.; BARBOSA, V. **Corpo, gênero e sexualidade**. Universidade Federal de Lavras: Lavras, 2014.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3040030&forceview=1>> Último acesso em: 25 set 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Ana Luiza Libânio. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 2019.

LOBATO, F. H. S.; PINTO, R.C.R.; AIRES, J.C.A.; LIMA, A.B.L.; AVIZ, L.B.S.; RAVENA-CANETE, V. **Extensão universitária e o turismo social: Despertando emoções e promovendo a inclusão digital**. Ponta Grossa: Revista Conexão UEPG, v. 11, n. 3, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao>> Última acesso em: 23 set 2020.

REIS, Maíra Lopes. **Estudos de Gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço**. Espaço e Cultura - UERJ: Rio de Janeiro, n. 38, jul./dez. de 2015.

SOUZA, L. F.; DROPA, M. M.; MARTINS, C. A. M.; PINHEIRO, P. A. **A extensão universitária como subsídio para o incentivo ao turismo local em Ponta Grossa - PR**. Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 2014.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista participantes do Projeto “Conviver: Valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”

1. O que é ser mulher para você?
2. Você consegue perceber se pelo fato de ser mulher há diferença na relação familiar, em atribuições da casa?
3. Você exerce alguma atividade remunerada? Se sim, qual tipo? Se não, porque não entrou no mercado de trabalho?
4. Você reconhece o trabalho doméstico como trabalho? Entendendo o fato de não remunerado?
5. Há quanto tempo é participante do projeto?
6. E esse encontro com outras mulheres, te fez perceber alguma evolução?
7. O projeto contribui para você, de que forma? Percebe uma aproximação na relação com a cidade? E ao se tratar do mercado de trabalho?
8. O projeto te deu estímulo para entrar no mercado?
9. Como você entende um cidade turística?
10. Como está sendo esse momento de pandemia? Como está influenciando sua vida?

Apêndice B – Questionário membro da coordenação e participante do Projeto Conviver: Valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo

1. Você poderia se apresentar e falar um pouco do seu trabalho?
2. Quem são as pessoas que mais procuram por ajuda? Você trabalha no Cras com atendimento de pessoas, você vê que há uma distinção de gênero, mulheres procuram mais por atendimento?
3. Como você entende essa distinção? A mulher é responsável pelo lar?
4. Através da função da mulher ser caracterizada pelo trabalho que produz a força de trabalho, a gente vê que foi destinado um trabalho para elas e quem não está na lógica capitalista, não é valorizado, como você percebe essa questão?
5. Como você percebe o momento de chegada dessas mulheres no projeto e o desenvolvimento delas?
6. Você percebe a cidade turística como oportunidade de trabalho? E porque de algum modo elas não adentram?

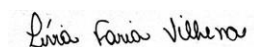
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (entrevistados)

A Sra está sendo convidada a participar da pesquisa sobre gênero e mercado de trabalho na cidade turística de Ouro Preto, Minas Gerais. O presente estudo tem por objetivo elucidar questões a partir das mulheres participantes do projeto “Conviver: Valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”, sua vivência no espaço doméstico, se há inserção produtiva e as possibilidades do mercado de trabalho na cidade. Queremos saber quais as principais facilidades e dificuldades vivenciadas ou percebidas como mulher na cidade. Assim, precisamos colher informações sobre o trabalho, as condições, os fatos relacionados. Por isso, vamos lhe fazer algumas perguntas, com a finalidade de conhecer o seu ponto de vista sobre esses aspectos. Sua participação neste estudo é voluntária. Se você não quiser participar, pode recusar a qualquer momento, sem qualquer problema. Da mesma forma se continuar colaborando, não contará com qualquer vantagem adicional. Se você aceitar participar deste estudo, poderá ser beneficiado ao sentir que terá em mim uma profissional realmente interessada em ouvi-la e ao falar poderá refletir sobre o trabalho e a saúde. É possível que o resultado de nossas entrevistas sirva apenas para o benefício de outras pessoas e que algumas coisas que você relate sejam melhoradas apenas no futuro, para outras pessoas. Sua identidade não será divulgada.

Ouro Preto, ____ / ____ / ____.

Nome do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____



Lívia Faria Vilhena
 Graduanda em Turismo
 e-mail: liviafvlhena@gmail.com

Profa Dra Kerley dos Santos Alves
 Departamento de Turismo - UFOP
 e-mail: kerleysantos@yahoo.com.br

Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Profa Coordenadora do projeto Conviver)

Venho por meio destes esclarecimentos, solicitar sua autorização para utilização da base de dados do Projeto de extensão “Conviver – Valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”, no período de 2017 a 2020, para o trabalho de conclusão de curso, “Gênero: composição histórica e relação com o mercado de trabalho na cidade turística de Ouro Preto, Minas Gerais – Estudo de Caso: mulheres do projeto Conviver – UFOP”, que será realizado pelo curso de Turismo – UFOP, pela pesquisadora Lívia Faria. A relevância da pesquisa se dá pelo fato de que dos participantes do projeto, a sua maioria são mulheres e por algum motivo elas estão fora do mercado de trabalho e por esse motivo, se faz necessário investigar os fatores que envolvem essa condição.

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar no projeto de extensão Conviver como as mulheres participantes vivem no espaço doméstico e as possibilidades do mercado de trabalho, em Minas Gerais. Por meio do levantamento de dados iremos tomar como base os relatórios, documentos e o planejamento das atividades.

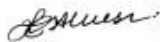
Os riscos dessa pesquisa são considerados mínimos por se tratar de levantamento de dados já coletados no projeto contudo, pode gerar alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc. contudo, há a possibilidade de não responder. O sigilo das informações levantadas está assegurado pelo Termo de Compromisso e Confidencialidade, o qual garante que as informações não serão divulgadas fora desse projeto.

Os benefícios dessa pesquisa é contribuir com análise das ações e seus impactos, assim, promovendo novas vias de pesquisas e também, visibilidade ao projeto.

É garantido o seu direito de retirar-se a qualquer momento dessa pesquisa sem qualquer prejuízo à comunidade de qualquer benefício que você tenha obtido junto à Instituição, antes, durante ou após o período deste estudo. As informações obtidas pela pesquisadora serão analisadas, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

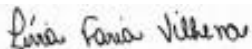
A pesquisadora responsável é **Livia Faria Vilhena** que pode ser encontrada no endereço Avenida Antônio Paulino, 144 – Centro, Espírito Santo do Dourado, Minas Gerais.
Telefone: 35 99726-9646

Se você concordar em participar desta pesquisa assine no espaço determinado abaixo e coloque seu nome e o número de seu documento de identificação.



Professora Coordenadora - Kerley dos Santos Alves

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido da Professora Coordenadora do Projeto.



Pesquisadora

Espírito Santo do Dourado, 26 de Agosto de 2020

ANEXOS

ANEXO A - BANNER EM UMA ABERTURA DO PROJETO CONVIVER



CONVIVER: Para criar espaços de pertencimento e convívio entre moradores e visitantes por meio de ações de capacitação com vistas a valorização da cultura e do turismo em Ouro Preto.

ANEXO B - IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DO “CONVIVER NA CENA”

Conhece o CONVIVER na Cena ?

O Projeto de extensão “CONVIVER: valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”, existe desde 2017 a fim de sensibilizar e capacitar os participantes para o desenvolvimento local da atividade turística e cultural e ao fortalecimento do sentimento de pertença pela cidade. Para tanto, tem efetivado ações para e com a comunidade de Ouro Preto e região.

Neste momento, emerge o “Conviver na Cena”, um novo modo de interagir e usar as tecnologias acessíveis por meio de telefones celulares e computadores; as redes sociais possibilitam estreitar laços, reinventar modos de ser! Na cena, as diferentes formas de convívio, o senso de comunidade e a solidariedade tornam se, ainda, mais fortes e presentes no nosso dia a dia.

Crie, compartilhe, invente!



Participe com a gente!

ANEXO C - IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DA ATIVIDADE VIRTUAL: "CONVIVER(ME)"

CONVIVER

NO DIA 20 DE AGOSTO, DURANTE A *ATIVIDADE VIRTUAL: "CONVIVER(ME)"*.
COMPARTILHE CONOSCO UM *ACRÓSTICO*, *DESENHO* OU *FOTOGRAFIA* QUE
REPRESENTE O *PROJETO CONVIVER* PARA VOCÊ.

USE AS INICIAIS DA PALAVRA: "CONVIVER", FORME OUTRAS PALAVRAS E CRIE UM POEMA, PODE CONTER RIMAS OU NÃO.

ACRÓSTICO

A IDEIA DO JOGO DE PALAVRAS FOI
SUGESTÃO DA PARTICIPANTE TEREZINHA!

Cuidar de si, do próximo,
Ouvir e ser ouvido.
Nutrir respeito, responsabilidade, nossa comunidade.
Vivenciar por aprendizado e troca de conhecimentos,
Imaginar possibilidades, buscar novos caminhos.
Ver novos horizontes, sonhar, conhecer mais de si,
Existir, pertencer,
Respitar e viver, ser parte de algo feito para nós e por nós.

TENDO EM MENTE O CONVIVER, FAÇA UMA ILUSTRAÇÃO
REPRESENTANDO O PROJETO EM SUA VIDA. PODE SER
UMA PAISAGEM, UMA FLOR, UM SENTIMENTO.
INSPIRE-SE.

DESENHO

FOTOGRAFIA

QUE IMAGEM REPRESENTA O CONVIVER PARA VOCÊ?
ENVIE PARA NÓS, VENHA FAZER PARTE.



20 DE AGOSTO
(QUINTA-FEIRA)
DURAÇÃO: 13H ÀS 14H.



ANEXO D – ATIVIDADE ONLINE SEGUNDA ETAPA 2020

